



literatura
livre

Contos folclóricos africanos Vol. 1

ELPHINSTONE DAYRELL,
GEORGE BATEMAN,
ROBERT HAMILL NASSAU

*The Folk Tales of Southern Nigeria,
Zanzibar Tales, Where Animals Talk
(1910, 1901, 1912)*

Tradução: Gabriel Naldi

Edição bilingue: POR/ENG
Distribuição gratuita

sesc

— •
literatura
livre

Contos folclóricos africanos

Vol. 1

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

Edição Bilingue

sesc **mojo**^{.org}

Contos folclóricos africanos

Vol. 1

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

Tradução:
Gabriel Naldi

O FILHO DO MÉDICO E O REI DAS COBRAS

GEORGE W. BATEMAN

Muito tempo atrás, um médico sábio, ao morrer, deixou uma esposa e um bebê. Na idade apropriada, o menino foi batizado com o nome escolhido por seu pai: Hassee'boo Kareem' Ed Deen'.

Quando o garoto terminou seus estudos e já sabia ler, sua mãe o enviou a um alfaiate para aprender a profissão. Não conseguiu. Depois, o mandou até um ourives e ele tampouco foi capaz de dominar esse ofício. O menino tentou diversos trabalhos, sem sucesso em nenhum deles. Enfim, sua mãe disse:

— É melhor você ficar em casa por um tempo — e essa proposta lhe agradou.

Um dia, Hassee'boo perguntou à sua mãe qual era a profissão de seu falecido pai. Ela contou que ele havia sido um grande médico.

— E onde estão os livros dele? — indagou o menino.

— Faz muito tempo que não os vejo — respondeu a mãe —, mas devem estar no quarto dos fundos. Vá procurá-los.

Hassee'boo vasculhou a casa até encontrá-los, mas estavam praticamente destruídos por insetos. Não foi possível aproveitá-los.

Tempos depois, quatro vizinhos foram à sua casa e pediram à mulher:

— Seu filho pode vir conosco cortar lenha na floresta?

O trabalho consistia em cortar madeira, carregá-la em burros e vendê-la na cidade, onde era usada em fogueiras.

— Claro — respondeu ela. — Amanhã comprarei um burro para que ele comece a trabalhar com vocês.

No dia seguinte Hassee'boo, montado em seu burro, saiu com seus quatro novos companheiros. Trabalharam muito e ganharam bastante dinheiro durante seis dias. No sétimo, uma chuva muito forte levou todos a se abrigarem em uma caverna.

Hassee'boo sentou-se sozinho. Como não havia nada para fazer, ele começou a bater uma pequena pedra no chão. Surpreendeu-se com o ruído surdo que o solo fazia, como se estivesse oco. Chamou os outros e disse:

— Parece que há um buraco aqui embaixo.

Bateu a pedra no chão novamente para que ouvissem. Decidiram investigar a causa. Bastou cavarem um pouco

para descobrirem um buraco fundo como um poço, repleto de mel até a borda.

Desistiram de cortar lenha e decidiram coletar e vender o mel.

Como queriam retirar tudo o mais rápido possível, pediram para Hassee'boo entrar no poço e ir recolhendo o mel, que seria colocado em vasos e levado para ser vendido na cidade. Trabalharam por três dias seguidos e ganharam muito dinheiro.

Quando sobrou apenas um pouco de mel no fundo, pediram que o menino retirasse tudo o que restava e foram buscar uma corda para içá-lo de volta.

Mas a verdade é que os quatro decidiram deixar o menino no buraco e dividir o dinheiro. Quando Hassee'boo acabou de juntar o mel, gritou para que lançassem a corda, mas não obteve resposta. Após três dias sozinho no poço, finalmente entendeu que fora abandonado por seus companheiros.

Os quatro lenhadores foram até a casa da mãe de Hassee'boo e disseram que o menino tinha se separado deles na floresta. Chegaram a afirmar que ouviram o rugido de um leão. Garantiram ter procurado o menino, porém não encontraram nenhum rastro dele nem do burro.

A mãe de Hassee'boo chorou muito, como era de se esperar, e os quatro vizinhos ficaram com todo o dinheiro.

Enquanto isso, o menino andava pelo fundo do buraco em busca de uma saída, comendo restos de mel, dormindo e pensando no que fazer.

No quarto dia, enquanto pensava, viu um grande escorpião no chão e o matou.

Imediatamente algo lhe ocorreu:

— De onde veio esse escorpião? Deve haver uma abertura em algum lugar. Vou tentar encontrá-la.

Olhou em volta até perceber um pequeno fecho de luz que surgia de uma fresta minúscula. Apanhou sua faca e escavou até abrir um buraco largo o suficiente para que pudesse passar. Atravessou a abertura e saiu em um local que nunca havia visto antes.

Notou uma trilha à sua frente. Seguiu por ela até encontrar uma casa muito grande, cuja porta estava entreaberta. Lá dentro, viu que as portas eram douradas e tinham chaves de pérola nas fechaduras, também douradas. A casa estava cheia de lindas cadeiras incrustadas de joias e pedras preciosas. Na antessala, encontrou um sofá coberto por uma colcha deslumbrante e se deitou para descansar.

Assim que adormeceu, alguém o colocou em uma cadeira. Acordou com uma voz dizendo:

— Não o machuque, vamos acordá-lo suavemente.

Abriu os olhos e se viu cercado por várias cobras. Uma delas tinha cores muito vivas.

— Olá! Quem é você?

— Sou Sulta'nee Waa' Neeo'ka, rei das cobras. Esta é minha casa. E você, como se chama?

— Eu sou Hassee'boo Kareem' Ed Deen'.

— De onde veio?

— Não sei de onde eu vim nem para onde vou.

— Bem, não se preocupe com isso agora. Vamos comer. Imagino que esteja com fome. Eu estou, pelo menos.

O rei ordenou que seus criados trouxessem comida. Foram servidas lindas frutas. Todos comeram e beberam enquanto conversavam.

Ao final da refeição, o rei quis saber mais sobre Hassee'boo. O menino contou tudo o que havia acontecido até então. Depois pediu ao anfitrião que falasse um pouco de si.

— Minha história é um tanto longa, mas posso lhe contar — disse o rei das cobras. — Há muito tempo, saí desta casa e fui morar nas montanhas de Al Kaaf. Queria mudar de ares. Um dia encontrei um estranho que passava por ali e perguntei a ele:

“De onde você é?”

“Estou vagando pelo deserto”, ele respondeu.

“E quem é seu pai?”

“Meu nome é Bolooke’a e meu pai era um sultão. Quando ele morreu, encontrei um pequeno baú, dentro do qual havia uma bolsa com uma caixinha de latão. Nessa caixinha encontrei um pergaminho guardado dentro de um pano de lã. O texto falava sobre um profeta. Dizia tantas coisas boas e maravilhosas a seu respeito que tive vontade de conhecê-lo. No entanto, quando comecei a perguntar às pessoas sobre ele, me disseram que ainda não havia nascido. Então jurei que andaria pelo mundo até encontrá-lo. Deixei minha cidade e minhas propriedades. Desde então estou vagando, mas ainda não o encontrei.”

“E onde você espera achar esse homem, se ele ainda não nasceu?”, perguntei ao andarilho. “Se você tivesse um pouco de água de serpente, conseguiria se manter vivo até encontrá-lo. Mas talvez seja um conselho inútil, pois não há água de serpente nessas redondezas.”

“Bem, devo continuar minha jornada. Adeus.”

E assim nos despedimos e ele seguiu seu caminho. Andou até o Egito, onde encontrou um homem que também lhe perguntou:

“Quem é você?”

“Me chamo Bolooke’a. E quem é você?”

“Meu nome é Al Faan’. Aonde você está indo?”

“Deixei minha casa e minhas propriedades para procurar o profeta.”

“Ah! Há coisas melhores a se fazer do que procurar um homem que ainda não nasceu. Vamos até o rei das cobras pedir uma poção mágica. Depois, iremos até o Rei Salomão e pegaremos seu anel. Com ele, dominaremos os gênios e os ordenaremos a atender todos os nossos pedidos.”

Nesse momento Bolookee’a disse:

“Eu conheci o rei das cobras na montanha de Al Kaaf.”

“Vamos até lá então”, disse Al Faan’.

Al Faan’ queria o anel de Salomão porque sabia que com ele teria grandes poderes mágicos: controlaria os gênios e os pássaros. Bolookee’a queria apenas conhecer o grande profeta.

“Tudo bem”, concordou Bolookee’a.

Os dois levaram uma armadilha até Al Kaaf, dentro da qual colocaram um copo de leite e outro de vinho. Eu caí na armadilha como um tolo. Entrei na gaiola, bebi todo o vinho e fiquei bêbado. Os dois então fecharam a porta e me levaram.

Quando recuperei os sentidos, vi que estava preso e era carregado por Bolookee’a. “Não se pode confiar nos filhos de Adão. O que querem de mim?”, perguntei.

“Queremos uma poção para usarmos em nossos pés e caminharmos sobre a água sempre que isso for necessário em nossa jornada”, responderam.

Concordei e disse para seguirmos em frente.

Chegamos a um bosque com muitas árvores. Quando me viram, elas foram dizendo, uma a uma, “Eu sou remédio para isso”, “Eu sou remédio para aquilo”, “Eu sou remédio para a cabeça”, “Eu sou remédio para os pés”, até que uma das árvores disse: “Se alguém passar minha seiva nos pés, poderá andar sobre as águas”.

Revelei aos homens o que a última árvore havia me dito. Era o que procuravam. Retiraram uma grande quantidade de líquido de suas folhas e me levaram de volta à montanha. Lá, eles me libertaram e seguiram seu caminho.

Quando enfim alcançaram o mar, usaram a seiva e caminharam sobre a superfície da água. Andaram muitos dias até chegarem nas proximidades do palácio do rei Salomão. Então fizeram uma parada para que Al Faan’ preparasse suas poções.

Ao entrarem no palácio, encontraram o rei Salomão dormindo e a mão com o anel estava apoiada em seu peito. Os gênios do rei vigiavam seu sono.

Bolookee’a se aproximou e um dos gênios disse:

“Aonde você vai?”

“Vim aqui com Al Faan’, e ele vai pegar o anel do rei.”

“Vá embora”, respondeu o gênio. “Saíam daqui, ou seu amigo morrerá.”

Al Faan’, já com suas poções prontas, pediu para Bolookee’a apenas esperar. Aproximou-se do rei para pegar

o anel, mas deu um grito ensurdecido e foi lançado por uma força invisível a uma distância impressionante.

Levantou-se acreditando que as poções ainda faziam efeito e correu novamente em direção ao rei. Uma forte rajada de ar soprou sobre ele, reduzindo-o a cinzas instantaneamente.

Uma voz falou a Bolookee'a, que permanecia no mesmo lugar:

“Vá embora. Esta criatura miserável está morta.”

O andarilho fugiu do palácio e, quando chegou novamente à praia, colocou a poção em seus pés para atravessar as águas. Continuou vagando pelo mundo por muitos anos.

Em uma de suas andanças, certa manhã, encontrou um homem sentado no chão. Após trocarem cumprimentos, Bolookee'a perguntou:

“Quem é você?”

“Me chamo Jan Shah. E você?”

Bolookee'a se apresentou e quis saber a história de seu novo amigo. O homem, que ora chorava, ora sorria, fez questão de que o andarilho contasse a sua primeira. Após ouvi-la, começou:

“Sente-se comigo e contarei minha história do começo ao fim. Meu nome é Jan Shah. Meu pai é Tooeegha'mus, um grande sultão. Ele costumava caçar na floresta todos os dias.

Certa vez, pedi para que me levasse junto. Ele disse não, que seria melhor eu ficar em casa. Chorei bastante e como meu pai me amava muito, por eu ser filho único, não suportou me ver naquele estado e consentiu que fosse caçar com ele.

“Entramos na floresta acompanhados de vários criados. Chegamos ao acampamento, comemos e nos dividimos em grupos.

“Seguimos, eu e mais sete escravos, até encontrarmos uma gazela. Fomos atrás dela, sem conseguir capturá-la, até chegarmos ao mar. O animal entrou na água e, junto com mais quatro escravos, continuei perseguindo-o de barco. Os outros três voltaram e se reuniram ao grupo de meu pai. Conseguimos apanhar a gazela, mas tivemos de nos afastar bastante da costa. Então fomos pegos por um forte vento, que nos desviou do caminho, e nos perdemos.

“Um dos três escravos que voltaram contou a meu pai sobre a gazela e o barco. O sultão começou a gritar que seu filho havia se perdido e, ao retornar à cidade, decretou luto por considerar que eu estava morto.

“Enfim conseguimos chegar a uma ilha com muitos pássaros. Encontramos frutas e água doce. Após comermos, subimos em uma árvore e dormimos até a manhã seguinte.

“Remamos até outra ilha deserta. Como na anterior, colhemos frutas e dormimos em uma árvore. Durante a

noite, ouvimos vários animais selvagens uivando e rugindo perto de nós.

“Quando amanheceu, saímos de lá o mais rápido possível. Chegamos a uma terceira ilha. Ao procurar comida, encontramos uma árvore cheia de frutos parecidos com maçãs. Ao nos aproximarmos, ouvimos uma voz que dizia para não tocarmos na árvore, pois ela pertencia ao rei. Então avistamos vários macacos vindo em nossa direção. Pareciam muito contentes em nos ver. Deram-nos muitas frutas, as quais comemos até nos saciar.

“Um dos macacos propôs ao seu grupo que eu fosse nomeado sultão. Outro respondeu que de nada adiantaria, pois já na manhã seguinte iríamos embora. Um terceiro argumentou que não conseguiríamos fugir se eles destruíssem nosso barco. E de fato, ao nos prepararmos para ir embora no dia seguinte, nossa embarcação estava em pedaços. Só nos restava continuar na ilha com os primatas, que pareciam gostar muito de nós.

“Certo dia, enquanto eu caminhava, encontrei uma grande casa com uma inscrição na porta:

Qualquer um que vier a esta ilha terá dificuldades em deixá-la, pois os macacos estão em busca de um homem que seja seu rei. Tal homem pensará que não há como fugir daqui, mas há uma saída ao norte. Ao seguir nessa direção, encontrará uma

grande planície repleta de leões, leopardos e cobras. O homem deverá lutar com todos eles e, se vencê-los, poderá continuar. Então chegará a outra grande planície, habitada por formigas ferozes, com dentes afiados e do tamanho de cães. Também deverá vencê-las, somente então o caminho estará livre.

“Conversei com meus criados sobre o que fazer, e decidimos que, se fôssemos morrer de qualquer jeito, melhor seria fazê-lo na luta por nossa liberdade.

“Estávamos todos armados e nos pusemos a caminhar. Chegamos à primeira planície e enfrentamos os animais. Dois escravos foram mortos. Na segunda planície, lutamos com as formigas e mais dois criados morreram. Consegui escapar sozinho.

“Perambulei por muitos dias, comendo o que encontrava, até enfim chegar a uma cidade. Lá fiquei por algum tempo em busca de trabalho, mas sem sucesso.

“Um dia um homem veio até mim e perguntou se eu procurava uma ocupação. Ao responder que sim, ele me chamou para sua casa.

“Ao chegarmos lá, ele me mostrou uma pele de camelo e pediu que eu a vestisse. Segundo ele, se eu fizesse aquilo, um grande pássaro me carregaria até uma montanha distante. Uma vez no topo, o tal pássaro arrancaria minha pele de

camelo e eu teria de afundar no chão as pedras preciosas que encontrasse. Quando todas as pedras estivessem enfiadas na terra, o homem viria me buscar.

“Tal como ele disse, vestiu-me com a pele e um pássaro veio e me levou até a montanha. Estava prestes a me devorar, mas eu me desvencilhei e o afugentei. Afundi muitas pedras preciosas e então chamei o homem para me tirar dali, mas ele nunca veio.

“Julguei que logo estaria morto e andei por muitos dias por uma enorme floresta, até encontrar uma casa. Era habitada por um velho, que me alimentou até que eu recuperasse minhas forças.

“Fiquei lá por muito tempo. O velho se afeiçoou a mim como se eu fosse seu filho.

“Um dia ele teve de sair e me deixou com um molho de chaves. Disse que eu poderia abrir qualquer porta da casa, exceto uma, que me mostrou apontando o dedo.

“É claro que foi a primeira porta que abri assim que ele saiu. Do outro lado vi um grande jardim onde corria um riacho. Três pássaros pousaram em uma de suas margens e imediatamente se transformaram nas mulheres mais lindas que eu já vi. Observei-as enquanto se banhavam. Depois elas se vestiram novamente, voltaram a se transformar em pássaros e saíram voando.

“Tranquei a porta e saí da casa. Não tinha fome e perambulei sem destino. Quando o velho voltou, percebeu algo estranho e me perguntou o que havia de errado. Contei a ele sobre as lindas moças e disse que estava apaixonado por uma delas. Se não pudesse me casar com ela, certamente morreria.

“‘Impossível’, disse-me o velho. As três donzelas eram filhas do sultão dos gênios e a viagem até a casa delas era uma jornada de três anos.

“Respondi que não me importava. Eu tinha de tornar minha esposa a moça pela qual havia me apaixonado, disso dependia minha vida. Ele então me disse para esperar até que elas voltassem. Eu deveria me esconder enquanto estivessem na água e roubar as roupas da minha amada.

“Assim fiz. Quando voltaram para outro banho, roubei os trajes da irmã mais nova, que se chamava Sayadaa’tee Shems.

“Como esperado, ela saiu do riacho e procurou por suas roupas, sem saber o que estava acontecendo.

“Então eu me apresentei e disse que estavam comigo. Implorou-me para que as devolvesse, pois precisava ir embora. Declarei meu amor e disse que queria me casar com ela. Insistiu dizendo que queria voltar para o seu pai. Respondi que não a deixaria partir.

“Após suas irmãs partirem voando, eu a levei para a casa. O ancião celebrou nosso casamento e me aconselhou a

esconder suas roupas, pois se ela as encontrasse, voaria novamente para longe. Cavei um buraco fora da casa e as enterrei.

“Um dia, precisei sair de casa e Sayadaa’tee aproveitou-se de minha ausência, desenterrou as roupas e as vestiu. Mandou seu escravo me avisar que ela havia partido. Também mandou dizer que se eu realmente a amasse deveria ir atrás dela.

“Ao voltar para casa, soube de sua fuga e saí à sua procura. Perambulei por muitos anos até chegar a uma cidade. Um dos moradores quis saber meu nome e quem era meu pai. Respondi que era Jan Sha, filho de Taaeghamus. Perguntou-me então se eu era o marido de sua senhora. A ouvir o nome dela, Sayadaa’tee Shems, gritei extasiado que sim, era eu mesmo.

“Levaram-me até ela. Fui apresentado ao seu pai e ela revelou que havíamos nos casado. Todos ficaram felizes.

“Decidimos então visitar nossa velha casa. Um dos gênios de seu pai nos carregou até lá, em uma viagem de três dias. Ficamos na casa por três anos, depois retornamos, e pouco tempo depois de nossa volta minha esposa morreu. Meu sogro me ofereceu outra de suas filhas em casamento como consolo, mas eu estava desolado. Desde então, estou de luto. Essa é minha história.”

E Bolooke’a então seguiu seu caminho, andando sem destino, até morrer.

Sultaanee Waa Neeoka concluiu seu relato dizendo a Hassee'boo:

— Agora, quando você regressar à sua casa, você me matará.

Hassee'boo ficou indignado ao ouvir aquilo:

— Eu jamais o machucaria, sob nenhuma circunstância. Por favor, me ajude a voltar para casa.

— Mandarei você de volta à sua cidade — prometeu o rei —, mas é certo que você voltará para me matar.

— Eu não seria tão ingrato! — exclamou Hassee'boo. — Juro que jamais farei mal a você.

— Então lembre-se de uma coisa — pediu o rei das cobras. — Quando estiver em sua cidade, não tome banho em lugares com muitas pessoas.

— Me lembrarei, pode deixar — assegurou Hassee'boo.

O rei então o levou de volta para casa de sua mãe, que ficou radiante ao ver Hassee'boo vivo.

O sultão da cidade onde vivia Hassee'boo estava muito doente. Seus conselheiros decidiram que a única cura para o soberano seria uma sopa feita com o rei das cobras.

O vizir do sultão, por razões que só ele conhecia, colocou soldados a postos em todos os banhos públicos da cidade, com instruções para capturar qualquer um que aparecesse para se banhar e tivesse uma marca na barriga.

Apenas três dias após ter voltado à sua cidade, Hassee'boo, completamente esquecido do aviso de Sultaanee Waa Neeoka, foi ao banho com outras pessoas. Acabou capturado pelos soldados e levado ao palácio, onde o vizir lhe disse:

— Leve-nos à casa do rei das cobras.

— Não sei onde fica — respondeu Hassee'boo.

— Amarrem-no! — ordenou o vizir.

Hassee'boo foi amarrado e açoitado até suas costas ficarem em carne viva. Incapaz de suportar a dor, finalmente cedeu:

— Já chega! Eu os levarei aonde quiserem.

Então guiou os soldados até a casa do rei das cobras.

Sultaanee Waa Neeoka recebeu-o com a frase:

— Não disse que você voltaria para me matar?

— E o que eu poderia fazer? — justificou-se Hassee'boo.

— Veja o que fizeram com minhas costas!

— Quem lhe infligiu esse horror? — perguntou o rei.

— O vizir.

— Então não há esperanças para mim. Mas você mesmo deverá me carregar.

Durante o trajeto, o rei disse a Hassee'boo:

— Serei morto e cozido quando chegarmos à sua cidade.

O vizir lhe oferecerá a primeira tigela da minha sopa, mas não a beba. Guarde-a em uma garrafa. Você deverá beber a

segunda tigela, que o transformará em um grande médico. A terceira tigela será a cura para a doença do sultão. Se o vizir perguntar se você tomou da primeira tigela, confirme. Mostre a ele a garrafa com a sopa e diga: “Esta é da segunda tigela. É para você”. O vizir morrerá ao bebê-la, e assim ambos teremos nossa vingança.

Tudo ocorreu conforme o rei disse. O vizir morreu, o sultão se recuperou e Hassee’boo se tornou um grande médico, muito querido por todos.

O MACACO, A COBRA E O LEÃO

GEORGE W. BATEMAN

Há muito, muito tempo, em uma aldeia chamada Kejee'jee, vivia uma viúva que criava seu bebê sozinho. Ela trabalhava muito para conseguir alimentar a si e ao filho. Eram muito pobres, inúmeras vezes passavam fome.

Quando o garoto, que se chamava 'Mvoo Laa'na, ficou um pouco mais velho, perguntou à mãe:

— Mamãe, estamos sempre passando fome. Que trabalho meu pai fazia para nos sustentar?

— Seu pai era caçador — respondeu a mulher. — Ele colocava armadilhas pela floresta e comíamos o que ele capturava.

— Ah! Isso não é trabalho, é diversão! — alegrou-se 'Mvoo Laa'na. — Também farei armadilhas. Vamos ver se consigo pegar algo para comermos.

No dia seguinte, foi à floresta cortar galhos das árvores e voltou à noite.

No segundo dia, construiu armadilhas com os galhos.

No terceiro dia, trançou fibras de coco e fez cordas.

No quarto dia, espalhou o maior número de armadilhas que conseguiu.

No quinto dia, colocou ainda mais armadilhas.

No sexto dia, foi à floresta verificá-las. Apanhou mais animais que o necessário para comer, então foi à grande cidade de Oongoo'ja vender o excedente. Comprou milho e outras coisas. Deixou sua casa repleta de comida. Sua sorte continuou por um bom tempo. Assim, ele e mãe passaram a viver confortavelmente.

No entanto, depois de certo tempo, não encontrava mais nada em suas armadilhas.

Certa manhã, viu um macaco preso em uma das arapucas. Estava prestes a matá-lo quando o animal disse:

— Filho de Adão, eu sou Neea'nee, o macaco. Não me mate. Liberte-me e deixe-me ir embora. Salve-me da chuva, pois um dia eu poderei salvá-lo do sol.

'Mvoo Laa'na retirou-o da armadilha e o deixou partir.

Neea'nee então subiu em uma árvore e de um galho alto disse ao jovem:

— Darei um conselho em troca de sua gentileza. Todos os homens são maus, acredite em mim. Nunca ajude homem nenhum, pois ele se voltará contra você na primeira oportunidade.

No segundo dia, 'Mvoo Laa'na encontrou uma cobra presa na mesma armadilha. Estava saindo para avisar a todos na aldeia, quando a cobra lhe chamou:

— Volte, filho de Adão! Não diga aos aldeões para virem aqui me matar. Eu sou Neeo'ka, a cobra. Me liberte, eu lhe imploro. Salve-me da chuva hoje, pois talvez um dia eu consiga salvá-lo do sol.

Então o jovem libertou a cobra, que lhe disse antes de partir:

— Retribuirei sua gentileza quando a oportunidade surgir. Mas não confie em nenhum homem. Se você for gentil, eles pagarão com maldade tão logo tenham a chance.

No terceiro dia, 'Mvoo Laa'na encontrou um leão na mesma armadilha em que havia pego o macaco e a cobra. Estava receoso em se aproximar, mas o leão disse:

— Não fuja! Eu sou Sim'ba Kong'way, o velho leão. Deixe-me sair desta armadilha, não o machucarei. Salve-me da chuva, pois eu poderei salvá-lo do sol quando você precisar.

'Mvoo Laa'na confiou nas palavras do leão e o libertou. Antes de partir, Sim'ba Kong'way lhe disse:

— Filho de Adão, você me ajudou e eu te retribuirei se puder. Mas nunca ajude a um homem, pois ele retribuirá unicamente com ofensas.

No dia seguinte um homem ficou preso na mesma armadilha. Quando 'Mvoo Laa'na o libertou, o homem assegurou-o inúmeras vezes de que jamais esqueceria que o jovem havia salvado sua vida.

Parecia que 'Mvoo Laa'na já havia capturado todos os animais da floresta. Logo ele e sua mãe voltaram a passar fome e não conseguiam encontrar nada que pudessem comer. Até que um dia o rapaz disse:

— Mãe, pegue a pouca carne que nos resta e faça sete tortas. Vou caçar com meu arco e flecha.

Ela assou as tortas para 'Mvoo Laa'na, que as levou em sua incursão na floresta.

O jovem andou muito e não encontrou nenhuma caça. Percebeu que estava perdido e só lhe restava uma das tortas.

Continuou vagando, sem saber se ia na direção de sua casa ou no caminho contrário. Penetrou cada vez mais no bosque até chegar a uma área selvagem e desolada onde nunca havia estado antes. Estava exausto e desesperançoso, a ponto de cair no chão e esperar pela morte, quando de repente ouviu alguém chamar seu nome. Olhou para cima e viu Neea'nee, o macaco, que disse:

— Aonde vai, filho de Adão?

— Não sei — respondeu 'Mvoo Laa'na tristemente.

— Estou perdido.

— Não se preocupe — consolou o macaco. — Sente-se e descanse até eu voltar. Pagarei com gentileza a bondade que você um dia me fez.

Então Neea'nee foi até um pomar e roubou bananas e mamões papaia.

— Aqui tem bastante comida. Há algo mais que você queira? Está com sede?

E antes que 'Mvoo Laa'na respondesse, Neea'nee saiu novamente e voltou com uma cabaça cheia de água. O jovem comeu e bebeu até se saciar. Então despediram-se e cada um seguiu seu rumo.

Após andar um grande percurso sem encontrar o caminho de volta para casa, 'Mvoo Laa'na encontrou Sim'ba Kong'way, que lhe perguntou:

— Aonde vai, filho de Adão?

E com a mesma tristeza de antes, o rapaz respondeu:

— Não sei. Estou perdido.

— Alegre-se! — disse o velho leão. — Descanse um pouco aqui. Hoje retribuirei sua bondade.

'Mvoo Laa'na sentou-se e Simba sumiu na floresta, mas logo voltou com caça e também trouxe fogo. O rapaz

cozinhou a carne e sentiu-se muito melhor após comer. Despediram-se e tomaram caminhos opostos.

Depois de percorrer mais uma longa distância, o jovem encontrou uma fazenda, onde foi recebido por uma senhora muito, muito velha, que lhe disse:

— Forasteiro, meu marido está muito doente, eu preciso de alguém que saiba fazer um remédio para ele. Você pode me ajudar?

— Minha boa senhora, eu não posso. Sou um caçador, não um médico. Nunca fiz um remédio na vida.

Então 'Mvoo Laa'na seguiu pela estrada que levava à cidade principal, quando viu um poço com um balde ao lado. Disse para si mesmo:

— É exatamente o que eu precisava: tomar um pouco de boa água de um poço. Deixe-me ver se o balde chega até o fundo.

Olhou pela borda para verificar a altura da água e encontrou uma grande cobra dentro do poço, que assim que o viu disse:

— Espere um pouco, filho de Adão! — e se esgueirou até sair do poço. — Ora, então não se lembra de mim?

— Não lembro, juro que não! — explicou o rapaz, afastando-se.

— Pois eu jamais me esqueceria de você — tornou a cobra. — Eu sou Neeoka, você me libertou da armadilha. Eu disse a você: “Salve-me da chuva, que um dia te salvarei do sol”. Você será um estrangeiro no local para onde vai. Por isso, me dê sua bolsa e eu colocarei nela coisas que serão úteis na cidade.

’Mvoo Laa’na entregou sua pequena bolsa à Neeo’ka, que a encheu com correntes de ouro e prata, dizendo que ele poderia usá-las como julgasse melhor. Os dois se despediram amavelmente e se separaram.

Quando o rapaz chegou à cidade, a primeira pessoa que encontrou foi o homem que havia libertado da armadilha, que o convidou para ir à sua casa. ’Mvoo Laa’na aceitou o convite e jantou em companhia de seu novo amigo e sua esposa.

Assim que teve uma oportunidade, o homem foi até o sultão e disse:

— Há um forasteiro em minha casa com uma bolsa cheia de correntes de ouro e prata. Disse que ganhou de uma cobra que vive em um poço. Mesmo que esteja disfarçado, sei que na verdade é uma cobra fingindo ser homem.

Ao ouvir tal acusação, o sultão ordenou que seus soldados capturassem ’Mvoo Laa’na. O homem libertado da armadilha convenceu a todos de que, caso a bolsa fosse aberta, dela sairia algum feitiço que atingiria os filhos do sultão e do vizir.

As pessoas ficaram tão aterrorizadas que amarraram 'Mvoo Laa'na.

Nesse momento, a grande cobra apareceu, ela havia saído do poço para ir à cidade. Neeo'ka deitou-se aos pés do homem que havia acusado 'Mvoo Laa'na. Ao ver aquilo, os cidadãos disseram:

— Como isso é possível? Essa é a grande cobra que vive no poço. Ela está deitada ao seu lado. Mande-a embora.

Mas Neeo'ka não moveu um músculo. Então eles desamarraram 'Mvoo Laa'na, pois temiam que fosse um mago, e desculparam-se de todas as formas possíveis.

— Por que esse homem o convidou para jantar em sua casa e depois o acusou? — perguntou o sultão.

Nesse momento, 'Mvoo Laa'na lembrou-se de tudo o que havia acontecido, de como o macaco, a cobra e o leão o advertiram sobre o que aconteceria caso ajudasse algum homem.

O sultão então disse:

— Embora muitos homens sejam ingratos, nem todos são, somente os maus. A punição para esse homem será ser amarrado em um saco e afogado no mar. Ele foi tratado com bondade, mas pagou o bem com o mal.

OS PRETENDENTES DA PRINCESA GORILA

ROBERT HAMILL NASSAU

Local

Nação Njambi

Personagens

Rei Njina (gorila) e sua filha

Njâgu (elefante)

Nguwu (hipopótamo)

Bejaka (peixes, ejaka no singular)

Ngowa (porco do mato)

Njĕgâ (leopardo)

Telinga (mico, macaco)

PREFÁCIO

Este conto claramente se inspira na época em que o rum chegou à África. A “nova água” do Gorila significa rum.

A trapaça de Telinga não o fez ganhar a esposa, mas foi o motivo pelo qual os micos atualmente vivem em bandos numerosos nas árvores e não mais no chão, como antigamente. Todos são muito parecidos, o que impede que sejam distinguidos uns dos outros.

Os leões não vivem junto aos gorilas e é por isso que esses primatas também eram chamados de Rei dos Animais, em razão de seus braços fortes e longos.

No entanto, seria absurdo imaginar que um animal tão horrórico, uma caricatura de ser humano, teria uma linda filha!

O Rei Gorila teve uma filha cuja beleza era enaltecida por todos. Quando a menina atingiu a idade de se casar, o rei mandou avisar a todas as tribos que não aceitaria dotes comuns para oferecê-la em casamento.

Somente aquele capaz de cumprir a seguinte tarefa seria seu genro: havia um novo tipo de água, nunca antes vista, e quem fosse capaz de beber um barril inteiro dessa água seria merecedor do prêmio cobiçado por tantos.

Então todos os animais se reuniram na floresta do rei para competir pela jovem. Todos os caminhos que levavam à nação Njambi se encheram com os ansiosos pretendentes.

O primeiro candidato seria o Elefante, em razão de seu tamanho. O paquiderme caminhou até o barril com pesada solenidade, suas estrondosas patas ecoando a cada passo, tam dam, tam dam. Mesmo na presença do rei, mal conseguia esconder sua indignação, pois julgava aquele um teste ofensivo de tão fácil. O elefante pensava consigo mesmo, “Um barril de água? Que afronta! Quando eu, Njâgu, tomo meu banho diário, sugo o equivalente a vários barris de água com minha tromba e jogo tudo sobre mim. Além disso, bebo meio barril a cada refeição. E é esse o teste? Vou acabá-lo em dois goles!”.

Colocou sua tromba dentro do barril, determinado a sorver uma grande quantidade. Retraiu-se logo que tocou o líquido. A “nova água” ardeu em suas entranhas. O gigante ergueu sua tromba e bramiu um grito de fúria, dizendo que aquela era uma prova impossível.

Muitos dos presentes julgavam o grande elefante um adversário invencível e secretamente se alegraram ao ver seu fracasso. Agora teriam uma chance.

O Hipopótamo então se apresentou, passando à frente de todos com passos atrapalhados. Estava afoito e certo de que seria o vencedor. Não era tão grande e pesado como o Elefante, mas era mais desajeitado. Mesmo assim, não hesitou em bradar o mais alto que pôde:

— Você, Njâgu, com todo esse tamanho teme um barril de água? Rá! Eu passo metade do meu tempo na água. Quando estou com sede, os peixes do rio têm medo de ficar sem casa.

E assim caminhou até o barril, aos gritos e bravatas para tentar impressionar a jovem princesa. Mal chegou a tocar a boca no líquido, apenas o cheiro já fez com que jogasse a cabeça para trás em um urro de aflição e nojo. Sem sequer curvar-se ao rei, correu até o rio para lavar a boca.

Em seguida veio o Porco-do-mato, dirigindo-se ao soberano:

— Rei Gorila, não vou me vangloriar antecipadamente, como fizeram meus adversários. Tampouco, se eu falhar, insultarei vossa majestade. No entanto, acredito que sairei vitorioso. Estou acostumado a enfiar o nariz nos piores lugares.

Aproximou-se devagar e com cuidado. Mesmo ele, habituado a todo tipo de sujeira e maus odores, afastou-se do barril enojado e foi embora grunhindo.

O próximo a se apresentar foi o Leopardo, contando vantagens e dando saltos para que a jovem visse sua linda pelagem. Zombou dos três que o precederam dizendo:

— Ah, meus amigos! Vocês não teriam nenhuma chance mesmo se tivessem bebido a água. A princesa jamais se interessaria por sujeitos feios e atrapalhados como vocês! Vejam que lindos meu corpo e minha cauda! Como minhas patas são fortes e ágeis! Já lhes mostro como acabar com esse barril. Mesmo que nós, da tribo dos felinos, não gostemos de nos molhar, abrirei uma exceção para honrar a princesa. Sou o ser mais elegante da floresta e vencerei essa prova sem esforço.

Disse isso e saltou imediatamente para o barril, mas o cheiro o deixou enojado. Fez uma única e vã tentativa. Foi embora com o rabo baixo, rastejando de vergonha.

Todos os animais da selva tentaram, um após outro. Todos falharam. Até que o pequeno Telinga deu um tímido passo à frente. Centenas de outros pequenos macacos da Tribo dos Micos o aguardavam ocultos no matagal. Os competidores derrotados murmuraram surpresos quando ele se dirigiu até o barril. Nem mesmo o Rei Gorila conseguiu conter seu espanto:

— O que você quer, meu pequeno amigo?

— Vossa majestade não mandou avisar que qualquer tribo poderia participar? — respondeu Telinga.

— Sim, todas as tribos podem tentar.

— Então eu, Telinga, mesmo pequeno como sou, gostaria de ter uma chance.

— Mantenho minha palavra real. Você pode fazer sua tentativa.

— Apenas uma dúvida, majestade. O competidor deve beber o barril todo de uma só vez? O senhor permitiria que eu descansasse rapidamente no matagal após cada gole?

— Claro, mas você deve beber tudo hoje — respondeu o rei.

Telinga tomou um gole e saiu saltitando até o mato. Voltou imediatamente, ou assim pareceu, deu outro gole e retornou ao bosque. Reapareceu no instante seguinte — na verdade, cada vez que isso ocorria, saía do matagal um mico diferente, que bebia um pouco da água e retornava ao mesmo local para ser substituído — e assim foi até que o barril se esvaziasse rapidamente.

O Rei Gorila anunciou Telinga como o vencedor da prova.

Não se sabe o que a jovem princesa pensou ao ver que não se casaria com nenhum dos belos pretendentes, como o Antílope ou outros animais graciosos. Quando Telinga

tentou se aproximar dela, o Leopardo e os outros avançaram sobre ele, gritando:

— Seu nanico miserável! Se não podemos nos casar com ela, você também não poderá! Você vai ver! Tome isso! E isso! — e o atacaram com socos, chutes e mordidas.

Aterrorizado, Telinga fugiu para o bosque, deixando sua noiva para trás.

Desde então, ele e sua tribo vivem nas copas das árvores, pois têm medo de voltar ao chão.

GA'SO, O PROFESSOR

GEORGE W. BATEMAN

Certa vez viveu um homem chamado Ga'so, que ensinava as crianças a ler, não em uma escola, mas debaixo de uma cabaceira. Uma noite, Ga'so estava sentado debaixo de sua árvore, preparando as aulas para o dia seguinte, quando Paa, a gazela, subiu silenciosamente no tronco dessa mesma árvore para apanhar alguns frutos. Ao fazer isso, sacudiu um dos galhos e derrubou uma cabaça madura, que acertou a cabeça do professor e o matou.

Na manhã seguinte, os alunos encontraram o professor morto no chão e foram tomados de tristeza. Após um respeitoso funeral, concordaram em encontrar o assassino e fazê-lo pagar com sua vida.

Depois de muito discutirem, chegaram à conclusão de que o culpado era o vento do sul.

Então capturaram o vento do sul e o espancaram.

— Parem! Eu sou Koosee, o vento do sul. Por que me batem? O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Koosee. Foi você quem derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Koosee se defendeu:

— Se eu fosse tão poderoso, seria bloqueado por uma parede de barro?

Então foram até a parede de barro e a espancaram.

— Parem! Eu sou Keeyambaaza, a parede de barro! Por que me batem? O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Keeyambaaza. É você quem bloqueia Koosee, o vento do sul. E Koosee derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Keeyambaaza se defendeu:

— Se eu fosse tão poderosa, seria roída pelo rato?

Então capturaram o rato e o espancaram.

— Parem! Eu sou Paanya, o rato! Por que me batem? O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Paanya. É você quem rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Paanya se defendeu:

— Se eu fosse tão poderoso, seria comido pelo gato?

Então capturaram o gato e o espancaram.

— Parem! Eu sou Paaka, o gato! Por que me batem?

O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Paaka. É você quem come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Paaka se defendeu:

— Se eu fosse tão poderoso, seria amarrado por uma corda?

Então apanharam a corda e a espancaram.

— Parem! Eu sou Kaam'ba, a corda. Por que me batem?

O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Kaam'ba. É você quem amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Kaam'ba se defendeu:

— Se eu fosse tão poderosa, seria cortada por uma faca?

Então apanharam a faca e a espancaram.

— Parem! Eu sou Keesoo, a faca. Por que me batem?

O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Keesoo. Você corta Kaam'ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Keesoo se defendeu:

— Se eu fosse tão poderosa, seria queimada pelo fogo?

Então foram até o fogo e o espancaram.

— Parem! Eu sou Moto, o fogo. Por que me batem?

O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Moto. Você queima Keesoo, a faca, que corta Kaam'ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Moto se defendeu:

— Se eu fosse tão poderoso, seria apagado pela água?

Então foram até a água e a espancaram.

— Parem! Eu sou Maajee, a água. Por que me batem?
O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Maajee. Você apaga Moto, o fogo, que queima Keesoo, a faca, que corta Kaam’ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga’so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Maajee se defendeu:

— Se eu fosse tão poderosa, seria bebida pelo boi?

Então foram até o boi e o espancaram.

— Parem! Eu sou Ng’ombay, o boi. Por que me batem?
O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Ng’ombay. Você bebe Maajee, a água, que apaga Moto, o fogo, que queima Keesoo, a faca, que corta Kaam’ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga’so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Ng’ombay se defendeu:

— Se eu fosse tão poderoso, seria atormentado pela mosca?

Então capturaram a mosca e a espancaram.

— Parem! Eu sou Eenzee, a mosca. Por que me batem?

O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Eenzee. Você atormenta Ng'ombay, o boi, que bebe Maajee, a água, que apaga Moto, o fogo, que queima Keesoo, a faca, que corta Kaam'ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

Eenzee se defendeu:

— Se eu fosse tão poderosa, seria comida pela gazela?

Então foram atrás da gazela, que foi capturada e espancada.

— Parem! Eu sou Paa, a gazela. Por que me batem? O que eu fiz?

E os meninos responderam:

— Sabemos que você é Paa. Você come Eenzee, a mosca, que atormenta Ng'ombay, o boi, que bebe Maajee, a água, que apaga Moto, o fogo, que queima Keesoo, a faca, que corta Kaam'ba, a corda, que amarra Paaka, o gato, que come Paanya, o rato, que rói Keeyambaaza, a parede de barro, que

bloqueia Koosee, o vento do sul, que derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Não devia ter feito isso.

A gazela ficou paralisada ao perceber que havia sido descoberta e sofreria as consequências pela morte acidental do professor.

Os alunos continuaram suas acusações:

— Vejam só! Não é capaz de dizer uma palavra sequer para se defender. Foi ela mesma quem derrubou a cabaça e matou Ga'so, nosso professor. Vamos pegá-la!

E assim mataram Paa, a gazela, e vingaram a morte de seu professor.

POR QUE OS BODES SÃO ANIMAIS DOMÉSTICOS?

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Tomba-Ya-Taba (bode)

With Etoli — Betoli no plural (camundongo)

Vyâdu — Lâdu no plural (antílope)

Njâ (leopardo)

Ko (rato silvestre)

Njâku (elefante)

Homem

Nyati (boi)



Bode vivia com sua mãe na aldeia. Um dia ele disse:
— Consegui uma poção que me fará vencer qualquer luta. Ninguém será capaz de me derrubar ou derrotar. Vencerei todos os animais.

Os outros animais ficaram sabendo dessa bravata e foram desafiá-lo. Os primeiros a chegar foram os camundongos, centenas deles, e assim se deu o primeiro embate. O Bode derrotou um por um de seus duzentos desafiantes. Os camundongos reconheceram que não eram páreo para ele e foram embora.

Então os ratos silvestres chegaram e lutaram com o Bode. Mais uma vez, todos foram derrotados e voltaram para casa.

Em seguida vieram os antílopes. O Bode venceu cada um do bando, nenhum foi capaz de derrotá-lo. E também se foram.

Os elefantes foram os próximos, a manada inteira veio desafiar o Bode. Todos voltaram para casa derrotados.

E assim aconteceu com todos os outros animais. Chegavam e eram vencidos da mesma maneira e, como os outros, também iam embora.

Apenas um ainda não havia tentado. O Leopardo decidiu enfrentar o Bode, certo de que sairia vitorioso. No entanto, também foi derrotado e assim ficou provado que não havia um único animal na selva capaz de vencer o Bode.

O Pai de Todos-os-Leopardos ficou sabendo daquilo e disse:

— Que vergonha um animal desse tamanho derrotar um de nossa espécie. Vou matá-lo!

E planejou sua vingança. Foi até a nascente usada pelos Homens e se escondeu ali perto. Alguns moradores da cidade apareceram para pegar água e o Leopardo matou dois deles. As pessoas então foram até o Bode e pediram:

— Vá embora daqui! O Leopardo está matando nosso povo por sua causa.

A mãe do Bode então aconselhou seu filho:

— Se isso for verdade, devemos ir visitar meu irmão Vyâdu.

Então foram até a aldeia do Tio Antílope e contaram tudo o que estava acontecendo.

— Pois fiquem em minha casa! — disse Vyâdu. — Quero ver se Njâ tem coragem de aparecer aqui!

Permaneceram na aldeia do Antílope por dois dias. No terceiro, por volta das oito da manhã, o Leopardo apareceu por lá como se estivesse apenas dando um passeio. Ao vê-lo, o Bode e sua mãe se esconderam, enquanto o Antílope foi conversar com ele:

— Qual é o problema? Por que você está bravo com meu sobrinho?

Antes mesmo que o Antílope terminasse de falar, o Leopardo arrancou-lhe uma orelha.

— Por que me atacou? — gritou Vyâdu.

— Mostre-me onde Tomba-Tabá e sua mãe estão — ordenou o Leopardo.

Amedrontado, o Antílope respondeu:

— Venha hoje à noite e mostrarei onde dormem. Faça o que quiser com eles, mas não me mate.

O Bode ouviu a conversa e foi avisar sua mãe:

— Temos de fugir ou Njá nos matará.

Quando o sol se pôs, o Bode e sua mãe fugiram para a casa do Elefante. O Leopardo voltou à aldeia do Antílope por volta da meia noite, conforme o combinado. Procurou em todas as casas do vilarejo e, contrariado por não encontrar o Bode, foi até o Antílope e o matou.

Continuou suas buscas e enfim encontrou o rastro de sua caça. Seguiu no encalço do Bode até chegar à vila do Elefante. Njáku o recebeu com indignação:

— Qual é o problema? — e o Elefante repetiu as mesmas palavras que o Antílope.

E como o Bode e sua mãe fugiram para a aldeia do Boi, o Elefante teve o mesmo destino que o Antílope: acabou assassinado pelo felino.

O Leopardo então foi até a aldeia do Boi, que repetiu a mesma conversa e teve o mesmo destino dos

outros antes dele. Foi assassinado, mas o Bode conseguiu escapar.

A mãe do Bode, já cansada de tanto fugir e desgostosa com a morte de seus protetores, enfim disse:

— Meu filho! Se continuarmos a fugir de aldeia e aldeia, Njâ nos seguirá matando todos os animais. Vamos para as casas dos Homens.

Fugiram novamente e chegaram até a aldeia dos Homens, onde contaram sua história e foram bem recebidos. Um dos moradores acolheu o Bode e sua mãe como convidados, e mais tarde deu a eles uma casa.

Certa noite o Leopardo chegou à cidade, procurando o Bode. O Homem, ao vê-lo, disse:

— Os animais que você assassinou não souberam te matar. Mas aqui na nossa cidade nós o mataremos.

O Leopardo então voltou para sua casa.

Dias depois, o Homem construiu uma armadilha com dois compartimentos. Colocou o Bode em um deles. Quando chegou a noite, o Leopardo saiu novamente à procura do Bode e voltou para a cidade. Apurou os ouvidos e farejou o cheiro de sua presa.

— Esta noite finalmente o matarei — pensou.

Notou uma trilha que levava até uma casa. Abriu o que acreditou ser uma porta e caiu na armadilha. Podia

ver o Bode pelas aberturas da parede, sem conseguir tocá-lo.

— Meu amigo! Você queria me matar, mas não vai conseguir — caçoou o Bode.

Quando o dia amanheceu, os habitantes da cidade encontraram o Leopardo preso na armadilha. Mataram-no a tiros e golpes de facão. O Homem então disse ao Bode:

— Não volte mais para a floresta. Fique aqui para sempre.

Esta é a razão de os bodes viverem junto dos homens: o medo dos leopardos.

O LEOPARDO DE PELE LISA

ROBERT HAMILL NASSAU

Local

Cidade do rei Mborakinda

Personagens

Rei Mborakinda

Ilâmbe, a princesa

Ra-Marânge, médico

Njĕgâ (leopardo)

Kabala (cavalo mágico)

Ogula-Ya-Mpazya-Vazya, o feiticeiro

PREFÁCIO

Os leopardos conseguem nadar, se necessário, mas não gostam de entrar na água nem de molhar as patas.

Issso aconteceu na cidade onde o rei Mborakinda, adorado por todos, vivia com suas esposas e filhos.

Mborakinda amava muito sua filha Ilâmbe. Tentava agradá-la de todas as maneiras possíveis e a cercava de criados. Quando a princesa ficou adulta, declarou que não queria que ninguém a pedisse em casamento. Ela escolheria seu marido.

— Além do mais, não me casarei com nenhum homem que tenha qualquer mancha na pele, por menor que seja — afirmou Ilâmbe.

Apesar de seu pai não concordar com tal desejo, não a proibiu.

Começaram a surgir pretendentes que se apresentavam ao rei dizendo:

— Desejo me casar com sua filha Ilâmbe.

Mborakinda sempre respondia:

— Você deve falar com ela diretamente.

Então o rapaz ia comunicar suas intenções à princesa:

— Vim pedi-la em casamento.

A resposta de Ilâmbe era sempre a mesma:

— Você tem uma pele lisa, sem nenhuma mancha sequer?

Se a resposta fosse afirmativa, a princesa acrescentava:

— Preciso ver por mim mesma. Venha ao meu quarto.

E lá o homem se despia completamente. Se durante esse exame Ilâmbe encontrasse uma pinta ou cicatriz, por menor que fosse, apontava para a marca e dizia:

— Você tem uma mancha aqui! Não me casarei com você!

Quando o pretendente tentava argumentar, explicando que sua pele era completamente lisa, exceto por aquela marca, a princesa o interrompia:

— Não! Mesmo que seja uma mancha minúscula, não me casarei com você!

E assim todos eram rejeitados, pois ela sempre encontrava alguma cicatriz ou qualquer erupção na pele. Após tantas recusas, a fama da linda filha do rei Mborakinda, que não aceitava nenhum pretendente por conta de manchas na pele, chegou a outros países.

Mesmo assim, muitos queriam desposá-la. Alguns animais chegavam a se transformar e assumir uma forma humana, mas também eram rejeitados.

O Leopardo ficou sabendo da reputação da princesa e disse:

— Ah, essa linda mulher! Ouvi dizer que é linda e que ninguém consegue conquistá-la. Também farei minha tentativa, mas antes vou consultar Ra-Marânge.

Foi visitar o médico feiticeiro e lhe contou tudo sobre a linda filha do rei Mborakinda que não aceitava ninguém por ser tão criteriosa com seus pretendentes.

— Eu já estou muito velho e não faço mais feitiços — disse Ra-Marânge. — Vá falar com Ogula-ya-mpazy-a-vazy-a.

E assim o Leopardo fez. O feiticeiro Ogula fez seu ritual de sempre: pulou em uma fogueira e saiu de lá em transe. Então perguntou ao Leopardo qual era seu desejo. Njêgâ contou toda a história novamente e pediu para ter um corpo humano sem nenhuma mancha. Ogula preparou uma poção poderosa, que o transformaria em um homem alto, elegante, forte e perfeito. O Leopardo voltou à sua aldeia e contou seus planos a seu povo. Também preparou o corpo de seus familiares para transformações, caso necessário. Após adotar um nome humano — Ogula — o Leopardo foi falar com o rei:

— Desejo me casar com sua filha Ilâmbe.

A chegada de Ogula na corte de Mborakinda impressionou a todos que, admirados com sua beleza, exclamaram:

— Vejam que homem lindo! Que belo rosto e que porte!

Após fazer o pedido ao rei, Ogula recebeu a resposta padrão: que fosse conversar diretamente com a princesa para saber se ela gostaria. Quando chegou à casa de Ilâmbe, ela ficou imediatamente encantada com sua beleza.

— Eu te amo. Estou aqui para me casar com você — disse Ogula. — Você já rejeitou muitos, e sei o motivo, mas acredito que ficará satisfeita comigo.

— Imagino que já tenham contado a razão de minhas recusas — respondeu a princesa. — Verei se você tem o que eu quero. Entraremos no quarto e você me mostrará sua pele.

Dentro do quarto, Ogula-Njĕgâ retirou suas roupas refinadas e Ilâmbe o examinou meticulosamente dos pés à cabeça. Não encontrou um único arranhão. A pele de Ogula parecia a de um bebê.

— Sim! Encontrei meu homem! — exclamou Ilâmbe.
— Eu te amo e me casarei com você.

Estava tão animada que continuou examinando a bela pele de seu noivo por mais alguns minutos. Então saiu e pediu a seus criados que trouxessem comida e água

para ele. Ogula continuou na casa por alguns dias, sem vontade de voltar à sua cidade natal, pois se sentia amado por Ilâmbe.

No terceiro dia, Ogula foi dizer ao rei Mborakinda que queria levar Ilâmbe para morar com ele. O rei consentiu.

Enquanto o leopardo transformado em homem estava no palácio, o feiticeiro do rei previu que algo de ruim adviria desse casamento. No entanto, como a princesa fazia questão de escolher seu marido, o rei não interveio.

Após o fim da cerimônia e do banquete, o rei Mborakinda chamou sua filha para conversar:

— Ilâmbe, minha filha, você agora começa sua jornada.

— Sim, pois amo meu marido.

— Ama mesmo? — perguntou seu pai.

— Sim.

— Então lhe darei seu *ozendo*.¹

O rei deu a ela alguns presentes e disse:

— Vá até aquela casa — e apontou um local na cidade, entregando-lhe uma chave — e, ao chegar lá, abra a porta.

Era o lugar onde o rei guardava seus encantamentos de guerra e outras poções.

1 Presente de casamento.

— Ao entrar, verá dois *kabala*² lado a lado — continuou o rei. — Pegue o que estiver olhando para o chão com um olhar perdido e deixe lá o que tem um aspecto mais vivaz. Você notará que o que você deve pegar manca um pouco. Mesmo assim, ele é o correto.

— Mas pai, por que não posso pegar o cavalo mais saudável e deixar o fraco? — argumentou Ilâmbe.

— Não! Pegue o que estou mandando — respondeu o rei, com um sorriso enigmático.

A recomendação do rei Mborakinda não era sem motivo. O cavalo com melhor aspecto era apenas bonito. O outro poderia salvá-la com sua inteligência, caso necessário.

Ilâmbe apanhou o cavalo indicado por seu pai e voltou para o palácio. Estava tudo preparado para sua viagem. O rei ordenou que alguns criados a acompanhassem, para carregar a bagagem e ajudá-la a se adaptar à nova cidade. Os recém-casados se despediram e partiram, ambos montados no Kabala.

A viagem durou muitos dias. Ogula-Njĕgâ, mesmo sob a forma humana, ainda possuía os mesmos instintos e gostos — estava há muitos dias sem comer carne crua. Ao passarem pela floresta onde havia animais selvagens, sua sede de sangue se intensificou. Chegaram a uma grande planície que terminava

2 Cavalo.

em outra floresta. Antes de atravessarem o campo aberto, seu desejo por caça ficou incontrolável e disse a Ilâmbe:

— Minha esposa, espere aqui com o Kabala e seus criados enquanto vou na frente. Volto logo.

Entrou na floresta e voltou a assumir a forma de leopardo. Capturou um pequeno animal e o devorou, depois mais outro. Satisfeito, lavou suas patas e boca em um riacho, voltou à forma humana e retornou para onde estava sua esposa.

Ilâmbe olhou-o atentamente e notou nele uma expressão dura e estranha.

— Onde você esteve? O que fez? — perguntou ela.

Ele deu uma desculpa qualquer e continuaram.

No dia seguinte, fez a mesma coisa. Pediu para que esperasse em determinado lugar enquanto adentrava a floresta. Voltou a ser leopardo e caçou novamente. Ilâmbe não fazia ideia do que estava acontecendo. O Cavalo sabia e revelaria mais tarde que era capaz de falar, mas ainda não era o momento oportuno.

A viagem continuou dessa forma até chegarem à cidade do Leopardo. Como já previamente preparado, sua mãe e outros moradores também haviam assumido uma forma humana para receber Ilâmbe. No entanto, o casal não ficou muito tempo em companhia deles, pois ficaram cada um em sua casa. Nos primeiros dias, Ogula tentou ser o mais

amável possível com Ilâmbe, para que ela não suspeitasse de nada, mas sua sede de sangue não o abandonava. Passou a inventar desculpas para se ausentar:

— Tenho negócios a resolver em outra cidade.

E saía para caçar como leopardo, voltando tarde da noite. Isso se repetia frequentemente.

Depois de algum tempo, Ilâmbe decidiu iniciar uma plantação e ordenou que seus criados homens limpassem o terreno escolhido. Ogula-Njêgâ se escondia na floresta ao redor da lavoura para capturar e comer algum dos trabalhadores. O grupo sempre voltava com um criado a menos.

Um a um, todos os servos foram desaparecendo. Ninguém além do Leopardo e seus familiares sabia o que se passava. Certa noite, em suas andanças de caça, Ogula-Njêgâ encontrou uma dama de companhia de sua esposa e a devorou. Foi a primeira serviçal mulher a desaparecer.

Algumas das vezes em que o Leopardo se ausentava, Ilâme sentia-se solitária e ia olhar Kabala. Com o desaparecimento da criada, o cavalo achou que era hora de se pronunciar sobre o que acontecia. A princesa acariciava sua crina quando ele disse:

— Ah, Ilâmbe, você não percebe o perigo vindo em sua direção.

— Que perigo? — perguntou a princesa.

— Que perigo? Se seu pai não tivesse me enviado junto com você, o que aconteceria? — perguntou o Cavalo. — O que acha que aconteceu com seus criados? Você não sabe, mas eu sei. Pensa que simplesmente desapareceram? Pois então saiba o que aconteceu: seu marido os devorou! Por isso sumiram.

A princesa não acreditou em suas palavras e contestou:

— Por que ele faria isso?

— Se você duvida, espere até todos os criados desaparecerem.

Duas noites mais tarde, mais uma dama de companhia sumiu. Algum tempo depois, Ogula-Njêgâ saiu para caçar, com a intenção de, caso não apanhasse nenhum animal, devorar sua esposa.

Ilâmbe se sentiu solitária e foi até o estábulo ver seu cavalo.

— Eu não avisei? A última criada sumiu. Você será a próxima — advertiu ele. — Darei um conselho. Fique pronta para fugir esta noite, assim que a oportunidade surgir. Encha uma cabaça com amendoins, outra com sementes de cabaceira e uma terceira com água. Traga-as para mim, eu as usarei na hora certa.

A mãe do Leopardo passava pela rua e ouviu a conversa. “Por que Ilâmbe conversa com o Cavalo como se ele fosse gente?”, pensou ela, mas não comentou nada com sua nora.

Ogula-Njĕgâ voltou ao cair da noite. Não disse nada, mas estava com uma expressão séria. Ilâmbe estava inquieta e o olhar de seu marido a amedrontava. Mais tarde, quando estavam prestes a ir dormir, ela perguntou:

— Por que você está com essa cara? Está bravo com alguma coisa?

— Não, não estou. Por que pergunta?

— Porque você parece estar incomodado com algo.

— Não, está tudo bem — respondeu ele. — Preocupações comuns. Amanhã tenho de acordar cedo.

Ogula-Njĕgâ, incomodado com as suspeitas de sua esposa, decidiu não matá-la naquela noite e esperar até o dia seguinte.

Ilâmbe não conseguiu dormir. O Leopardo saiu logo cedo, dizendo que tinha coisas a resolver, mas que voltaria logo. Enquanto seu marido estava fora, a princesa sentiu-se solitária e foi conversar com o cavalo, que considerou aquele o momento ideal para fugirem. Partiram imediatamente, sem avisar ninguém da aldeia e levaram consigo as três cabaças. Não podiam perder tempo, disse o Cavalo, pois quando o Leopardo descobrisse, iria atrás deles a toda velocidade. Kabala corria o mais rápido que podia, olhando para trás de vez em quando para averiguar se não estavam sendo seguidos.

Depois de algum tempo, Ogula-Njĕgâ voltou da aldeia e, ao chegar em casa, não encontrou Ilâmbe. Chamou sua mãe e perguntou sobre sua esposa.

— Eu vi Ilâmbe conversando com o Kabala dela — respondeu a mãe. — Já faz dois dias que estão falando um com o outro.

O Leopardo saiu à procura deles e encontrou suas pegadas.

— Que vergonha! — gritou. — Minha esposa fugiu! Mas eu a encontrarei ainda hoje.

No mesmo instante transformou-se novamente em leopardo e saiu em disparada. Demorou algum tempo até que os fugitivos notassem seu perseguidor. Kabala, ao virar a cabeça, viu o Leopardo se aproximando em saltos rápidos que faziam seu corpo se esticar rente ao chão.

— Eu não avisei? Ele está atrás de nós! — o Cavalo gritou ofegante, com espuma pingando de sua boca.

Quando o Leopardo chegou mais perto, Kabala pediu para Ilâmbe pegar a cabaça com amendoins e espalhá-los pelo chão. Ogula-Njĕgâ, ao ver os amendoins, parou para comê-los. Com isso, o Cavalo conseguiu ganhar distância sobre seu perseguidor. Logo o felino já havia retomado a corrida e se aproximava dos dois. O Cavalo então pediu para Ilâmbe jogar

as sementes de cabaceira. Mais uma vez, o Leopardo parou para comê-las e os fugitivos abriram vantagem novamente.

Após terminar de comer, o Leopardo voltou a persegui-los aos saltos e se aproximou novamente. Kabala mandou que Ilâmbe atirasse a terceira cabaça no chão com força, para que ela se quebrasse com o impacto. Assim o fez. A água que estava dentro da cabaça se transformou em um grande e largo rio, criando uma barreira entre eles e o Leopardo. Sem saber o que fazer, Njěgá gritou:

— Ilâmbe! Que vergonha! Ah, se eu conseguisse te pegar! — e foi embora.

— Não sabemos o que ele vai fazer agora — disse o Cavalo. — Talvez ele dê a volta para nos surpreender. Há uma cidade aqui perto, o melhor a fazer é ficarmos lá um ou dois dias para tentar despistá-lo.

E acrescentou:

— Mulheres não são permitidas nessa cidade. Por isso, eu transformarei seu rosto e você se vestirá como um homem. Tenha muito cuidado durante os banhos. Se descobrirem seu disfarce, lhe matarão.

Ilâmbe concordou e Kabala mudou sua aparência. Os moradores se impressionaram ao ver aquele belo homem entrando na aldeia.

— Vejam, um forasteiro! Olá, estranho! Como encontrou o caminho até aqui?

— Por acaso — respondeu a jovem. — Estava cavalgando e encontrei uma trilha que me trouxe até aqui.

Foi convidada a uma das casas, onde foi acolhida e informada sobre os horários das refeições e outras atividades. No segundo dia, ao andar pela cidade, os homens comentaram:

— Ele se porta como uma mulher!

— Sério? Você acha mesmo?

— Sim! Eu vi claramente — tornou o primeiro.

Os problemas de Ilâmbe não terminariam aí. Os homens queriam confirmar suas suspeitas e disseram a ela:

— Amanhã vamos todos ao rio tomar banho e você virá conosco.

A princesa foi perguntar a Kabala o que fazer.

— Avisei para que tomasse cuidado! — repreendeu ele. — Mas não se preocupe, transformarei todo seu corpo no de um homem.

Durante a noite, Kabala a transformou e a advertiu novamente:

— Vou avisar mais uma vez. Amanhã, durante o banho com os outros, você pode se despir, pois está com o corpo de um homem. Mas é apenas temporário. Ficaremos aqui apenas mais um dia e uma noite, depois partiremos.

Na manhã seguinte, após todos cumprirem suas atividades, foram tomar banho. Ao chegarem ao rio, os aldeões estavam ansiosos para comprovar se o forasteiro era na verdade uma mulher, mas, ao admirarem seu belo corpo, perceberam seu engano. Ao saírem da água, um deles disse ao acusador de Ilâmbe:

— Como pôde dizer que era uma mulher? Veja que homem forte ele é!

Ilâmbe, transformada em homem, irritou-se ao ouvir aquilo e gritou:

— Você pensou que eu fosse uma mulher? — disse ela ao perseguir e estapear seu difamador.

Todos voltaram à cidade.

Naquela noite, o Cavalo falou para Ilâmbe:

— Eis o que você deve fazer amanhã: logo cedo, pegue seu revólver e me mate. Ao ouvir o disparo, os homens virão acusá-la de ter me matado sem razão. Não responda e não diga nada a eles. Corte-me em pedaços e os atire no fogo. Depois, bem cedo na manhã seguinte, antes de todos acordarem, recolha as cinzas cuidadosamente e espalhe-as na entrada da aldeia. Você verá o que vai acontecer.

A jovem fez conforme ordenado. Após espalhar as cinzas, ela imediatamente se viu novamente como mulher e montada em seu cavalo. Partiram no mesmo instante.

Naquele dia, à tarde, chegaram à cidade do rei Mborakinda. Uma vez lá, contaram (ou melhor, o Cavalo contou) tudo o que havia acontecido. Ilâmbe se sentia envergonhada por todos os apuros que sua exigência por um marido de pele lisa havia lhe causado.

— Ilâmbe, minha filha, veja os problemas que você causou a si mesma — disse o rei. — Para você, uma mulher, fazer tal exigência foi um exagero. Se eu não tivesse enviado Kabala com você, o que teria acontecido?

Todo o povo deu as boas-vindas a Ilâmbe, que voltou para sua casa e nunca mais falou nada sobre peles lisas.

O TAMBOR MÁGICO

ROBERT HAMILL NASSAU

Personagens

Kudu (Cágado)

Rei Maseni (homem)

Njâ (Leopardo)

Ngâmâ (tambor mágico)

PREFÁCIO

Este conto explica a razão pela qual a tribo dos cágados vive somente na água: eles têm medo de que os descendentes do Rei Leopardo se vinguem dos açoites que os ancestrais do Cágado lhe infligiram.

Antigamente, a humanidade e todas as tribos de animais viviam juntos em uma única nação. Construía suas aldeias e moravam todos no mesmo lugar. No país do Rei Maseni, o Cágado e o Leopardo ocupavam a mesma cidade; cada um em uma extremidade da rua.

O Leopardo tinha duas esposas e o Cágado também.

Aquela região do país sofria com escassez de comida. A fome castigava todas as tribos. O Rei Maseni estabeleceu uma lei dizendo que toda caça ou comida encontradas deveriam ser levadas até ele — para que assim fossem divididas igualmente. Também colocou soldados para vigiar todo o país.

A fome só aumentava. As pessoas, sem esperança, não sabiam o que fazer e muitos morriam de fome. Assim como hoje, esse é um mal que aflige os povos pobres, não somente da África, mas também nas terras do Manga-Manëne.¹ Os dias se passavam sem que ninguém encontrasse uma solução.

Certo dia, o Cágado saiu cedo de sua casa e adentrou a selva, procurando um tipo especial de alimento: cogumelos.

— Vou seguir pela praia na direção sul — avisou à sua esposa.

Caminhou até encontrar um grande rio, com quilômetros de largura. Havia um coqueiro em uma das margens e, quando o Cágado se aproximou para examinar melhor, viu que estava repleto de cocos.

— Estou morto de fome, vou subir pelo tronco e apanhar os frutos — disse a si mesmo.

Colocou sua bolsa de viagem no chão e imediatamente subiu na árvore. Colheu dois e os jogou ao chão. O terceiro escorregou de sua mão e caiu no rio que corria ao lado.

— Com a fome que tenho, não deixarei um coco se perder na água! — exclamou o Cágado. — Vou mergulhar atrás dele.

1 Terras do homem branco.

E saltou para a água — *tchibum!* Afundou no local onde o coco havia caído, mas ambos foram apanhados pela correnteza e levados por uma boa distância até chegarem a uma curva na qual o leito se alargava criando uma praia. Mais adiante havia um vilarejo desconhecido onde erguia-se uma grande casa. Havia pessoas ao redor e dentro dela. As que estavam fora chamaram o Cágado, e ele pôde ouvir alguém gritando lá de dentro:

— Leve-me! Leve-me!

(Era um tambor falante.)

Uma mulher dava banho em uma criança na beira do rio e perguntou:

— O que o traz aqui, Kudu? E para onde está indo?

— Minha cidade está sofrendo com a escassez — explicou o Cágado. — Por isso fui à floresta procurar cogumelos. Subi em um coqueiro. Comecei a colher os cocos e deixei um cair no rio. Pulei atrás dele e cheguei aqui.

— Então você encontrou sua salvação, Kudu! — respondeu a mulher. — Vá até aquela casa. Lá você vai encontrar uma coisa. É um tambor. Vá pegá-lo agora.

Uma das pessoas do povoado acrescentou:

— Você verá várias dessas coisas lá dentro. Não pegue o tambor que fica dizendo “Leve-me, leve-me”. Você deve escolher o que não diz nada o que apenas emite o som

“wo-wo-wo”. Leve-o com você e amarre-o no tronco do coqueiro. Então diga a ele: “Ngâmâ! Faça como lhe mandaram!”.

O Cágado seguiu essas instruções. Entrou na casa, apanhou o tambor e levou-o à beira do rio onde a mulher estava.

— Faça um teste primeiro, para aprender a usá-lo. Bata! — instruiu ela.

Quando o Cágado fez isso, instantaneamente surgiu uma mesa com vários tipos de comida. Após comer, disse ao tambor:

— Guarde!

E a mesa desapareceu.

O Cágado levou o tambor diretamente para o coqueiro. Amarrou-o ao tronco com uma corda de fibra e então ordenou:

— Ngâmâ! Faça como lhe mandaram!

No mesmo instante, do tambor surgiu uma longa mesa, com vários tipos de comida. O Cágado ficou muito feliz com toda aquela abundância. Comeu até se fartar e repetiu a ordem:

— Ngâmâ! Faça como lhe mandaram!

O tambor recolheu a mesa, mas deixou um pouco de comida ao pé do coqueiro. Depois, voltou para as mãos do Cágado. Kudu colocou os alimentos em sua bolsa, junto com os cocos que havia apanhado de manhã, e tomou o caminho de

volta para casa. Parou quando estava quase chegando à cidade. Estava tão encantado com os poderes do tambor que fez mais um teste. Bateu no instrumento outra vez. Novamente uma grande mesa cheia de comida apareceu. O Cágado comeu uma vez mais e guardou mais um pouco em sua bolsa. Virou-se para uma árvore que havia o lado e ordenou:

— Curve-se!

A árvore obedeceu e ele amarrou o tambor em um galho. Ao chegar na cidade, deu os cocos e cogumelos a suas esposas e filhos. Quando entraram todos em casa, sua esposa principal perguntou:

— Onde você esteve todo esse tempo?

— Fui até a praia tentar colher cocos — justificou-se ele. — E encontrei muitas coisas boas. Veja!

Abriu a bolsa e tirou batatas, arroz e carne.

— Podemos comer, mas Njá não deve saber disso.

Então ele, suas esposas e filhos fizeram uma grande refeição.

O dia escureceu logo e foram todos dormir. O novo dia não tardaria. Ao amanhecer, o Cágado voltou ao lugar onde havia deixado o tambor. Logo que chegou à árvore, ordenou:

— Ngâmâ! Faça como lhe mandaram!

O tambor rapidamente desceu ao chão e fez aparecer uma mesa farta. O Cágado comeu parte da comida até matar

sua fome, depois colocou o restante em sua bolsa. Então deu outra ordem:

— Guarde tudo!

O tambor recolheu as coisas e voltou ao galho. No dia seguinte, ao amanhecer, o Cágado retornou à árvore e repetiu suas ordens.

Alguns dias mais tarde, enquanto se dirigia para o esconderijo do tambor, seu filho mais velho o seguiu, pois estava curioso para saber como o pai conseguia tanta comida. Quando o Cágado chegou à árvore, seu filho se escondeu e ficou imóvel, observando. Kudu deu o comando novamente:

— Curve-se!

E a árvore obedeceu. O jovem testemunhou tudo, a forma como seu pai apanhou o tambor, bateu e ordenou “Faça como lhe mandaram”.

A mesa surgiu mais uma vez e Kudu sentou-se para comer. Ao terminar, mandou a árvore se curvar e amarrou o tambor no galho. O tronco então se endireitou novamente.

Aquilo continuou por mais alguns dias. O Cágado ia até a árvore, repetia o mesmo processo, comia e voltava para casa, sempre levando comida para sua família. Seu filho, de tanto observar escondido, já sabia o que seu pai fazia. Então foi sozinho até a árvore e disse:

— Curve-se!

E a árvore dobrou seu tronco. O jovem repetiu os comandos de seu pai e o tambor fez surgir a mesa. Depois de comer, ordenou:

— Guarde tudo!

A mesa desapareceu. O rapaz apanhou o tambor e, em vez de amarrá-lo no galho, levou-o escondido para sua casa. Sem que seu pai soubesse, chamou todos os outros membros da família. Juntaram-se todos na casa e ele repetiu os comandos ao tambor. A comida surgiu e, terminada a refeição, o jovem ordenou ao instrumento que guardasse tudo de volta.

Naquele dia, o Cágado tinha ido à floresta procurar pelos cogumelos de que ele e sua família tanto gostavam.

— Antes de voltar à cidade, vou passar no esconderijo para comer — pensou em voz alta.

Ao se aproximar da árvore, ainda a uma certa distância, viu que ela estava reta como de costume, mas o tambor havia sumido.

— Será que esta árvore está me pregando uma peça?
— exclamou.

Então foi até ela, e de fato o tambor não estava mais lá. Ainda tentou dar seu comando:

— Curve-se!

Mas nada aconteceu. Voltou à cidade, apanhou seu machado e voltou ao local.

— Curve-se ou cortarei você! — ameaçou.

A árvore permaneceu imóvel. O Cágado começou a golpeá-la com seu machado até que ela caiu ao chão com um estrondo.

— Me dê o tambor ou farei você em pedaços!

Cortou a árvore em diversas partes, mas não encontrou o tambor. Decidiu voltar à cidade e, ao caminhar, pensava ansioso, “Quem terá feito isso?”

Chegou em casa tão desgostoso que não quis falar com ninguém. Então seu filho mais velho foi até ele e disse:

— Meu pai, por que está tão calado? O que aconteceu na floresta?

— Não quero conversar — respondeu Kudu.

— Você nos trouxe cogumelos, mas ficava mais feliz quando trazia comida para nós. Fui eu que peguei o tambor.

— Meu filho, traga-o aqui agora! — mandou o Cágado.

O jovem foi pegá-lo em um quarto dos fundos e depois chamou os outros membros da família. Reuniram-se todos na casa e deram ordens ao tambor. A mesa apareceu como sempre e todos comeram. Os filhos menores estavam tão animados que, ignorando o pedido de seu pai, levaram sobras de batata e carne para comer na rua. Outras crianças

viram e pediram um pouco. Entre elas estavam os filhos do Leopardo, que foram mostrar a comida ao pai.

Na mesma hora, o Leopardo foi até a casa do Cágado e encontrou toda a família a se fartar.

— Amigo! O que você está fazendo é errado! — acusou o felino. — Minha família passa fome enquanto vocês se fartam.

— Não temos mais nada hoje, mas volte amanhã e dividiremos com você — respondeu Kudu.

O Leopardo então voltou para sua casa.

A noite logo veio e todos se deitaram para dormir. Na manhã seguinte, bem cedo, o Cágado saiu à rua e anunciou:

— Ninguém, seja da família de Njâ ou da minha, irá à floresta hoje. Comeremos aqui juntos!

E foi sozinho até o coqueiro (onde, durante a noite, havia levado o tambor sem que ninguém visse). Quis fazer um teste para confirmar que o instrumento não havia perdido seu poder por ter sido usado na cidade. Então deu os comandos de sempre, que foram prontamente atendidos. Voltou para a cidade com o tambor nos ombros, à vista de todos, e foi direto à casa do Leopardo.

— Chame toda sua família! — pediu Kudu.

Todos foram à casa, inclusive os familiares do Cágado.

Sob as mesmas ordens, o tambor fez aparecer uma mesa com abundância de comida. Depois de todos comerem, a mesa

foi recolhida. O tambor ficou na casa do Leopardo por duas semanas. Usavam-no de maneira tão excessiva que o instrumento se aborreceu e, exaurido, não produzia mais nenhuma comida.

O Leopardo então foi falar com o Cágado:

— O tambor não faz mais comida. Arranje outro.

Kudu ficou irritado com o mau uso de seu tambor, mas ainda assim o pegou e o guardou em sua casa.

Os soldados do rei ouviram rumores de que o Leopardo escondia comida em sua casa e foram interrogá-lo:

— De onde vieram os alimentos que suas crianças estão comendo?

— Pegaram com os filhos de Kudu — respondeu o Leopardo.

Os vigias voltaram imediatamente ao palácio do Rei Maseni e relataram:

— Encontramos uma pessoa que guarda comida.

— Quem? — perguntou o rei.

— Kudu.

O soberano mandou chamá-lo. Os soldados foram até a casa do Cágado e anunciaram:

— O rei exige sua presença.

— O que eu fiz para que o rei me chamasse? Desde que moramos neste país, ele nunca quis falar comigo.

Mesmo assim, Kudu resignou-se e foi até o palácio real.

— Você anda estocando comida enquanto todas as famílias passam fome? — o rei esbravejou. — Traga tudo o que tiver para cá!

— Peço perdão, majestade, mas não conseguirei trazer hoje — desculpou-se o Cágado. — Convoque todas as famílias amanhã.

Na manhã seguinte, o rei mandou tocar o sino e anunciar que qualquer pessoa, de qualquer idade, deveria ir até o palácio para um banquete.

Todos os animais foram até a cidade do rei, inclusive o Cágado, levando seu tambor. Seus parentes distantes, sem saber da existência e poderes do tambor, perguntaram se haveria dança.

Dentro do palácio real, o Cágado ergueu o tambor e, com uma forte batida, ordenou:

— Que apareçam todos os tipos de comida!

E assim aconteceu. Surgiu uma mesa que se estendia por toda a cidade, com uma imensa variedade de pratos. Todos os animais comeram o quanto conseguiram e depois foram embora. O Cágado guardou seu tambor e voltou para casa. Ao chegar, pediu para que sua família se reunisse. Bateu novamente no tambor. Não houve nenhum som e nada saiu dele. Bateu novamente. Nada. O instrumento sentia-se

ofendido por ter sido tocado por outras mãos que não as de Kudu. A família passou a noite sem comer.

No dia seguinte, o Cágado correu até o coqueiro, escalou-o, apanhou dois cocos e jogou um terceiro no rio. Pulou na água e seguiu o coco pela correnteza, como havia feito antes. Chegou ao remoto vilarejo e contou à mulher sobre o que havia acontecido com o tambor. Ela respondeu que já esperava aquilo e mandou-o pegar um novo tambor. Kudu voltou à grande casa e reencontrou as mesmas pessoas de antes:

— Kudu! Para onde vai?

— Vocês já sabem. Vim atrás do meu coco.

— Não! Deixe o coco e leve um tambor — disseram.

E como da primeira vez, aconselharam-no a pegar um tambor que não falasse. Kudu entrou na sala dos tambores e alguns deles gritaram:

— Leve-me! Leve-me!

“Acho que desta vez vou levar um tambor falante”, pensou o Cágado.

E assim fez. Ao sair da casa, informou a todos que havia escolhido um tambor e que voltaria para sua casa.

Subiu o rio até o coqueiro. Amarrou o tambor no tronco, como antes, e com uma batida ordenou:

— Ngâmâ! Faça como sempre!

No mesmo instante surgiu uma grande mesa, mas sobre ela, em vez de comida, havia chicotes. O Cágado ficou surpreso e repetiu:

— Como sempre!

O tambor pegou um dos chicotes e golpeou Kudu, que gritou de dor.

— Agora, faça como sempre. Guarde tudo!

E o instrumento recolheu a mesa e os chicotes.

“Bem que me avisaram para não pegar um tambor falante”, pensou o Cágado, arrependido. “Minha curiosidade custou caro.”

Apesar disso, Kudu logo bolou um plano para se vingar do Leopardo e do rei pelos problemas que causaram.

Levou o tambor até sua cidade e foi à casa do Leopardo.

— Vamos com nossas famílias visitar o rei amanhã — convidou o Cágado.

O Leopardo alegrou-se ao ver o tambor de comida.

No dia seguinte, foram até a capital e Kudu disse ao Rei Maseni:

— Trouxe a comida que encontrei, conforme suas ordens. Convoque todos amanhã.

Na manhã seguinte, o rei fez soarem os sinos e toda sua corte dirigiu-se ao palácio, juntamente com as famílias do Cágado e do Leopardo. Kudu disse a seus familiares que

não entrassem na mansão do rei, mas que esperassem do lado de fora na janela.

— A refeição que trago hoje só poderá ser comida dentro do palácio — anunciou o Cágado.

Após todos os familiares do rei e do Leopardo entrarem, Kudu acrescentou:

— Só poderemos comer quando as janelas e portas estiverem fechadas.

E todas foram fechadas, exceto uma que Kudu manteve aberta próxima de si. O Cágado bateu em seu tambor e ordenou:

— Faça como te mandaram.

Surgiram várias mesas cheias de chicotes.

— O que significa isso? — perguntaram alguns. — Por que esses chicotes?

Kudu se posicionou perto da janela aberta e deu o comando:

— Faça como sempre!

No mesmo instante os chicotes começaram a voar pela sala, açoitando a todos, inclusive o rei. Njà foi um dos que mais sofreu golpes. Foi uma grande surra. A família do Leopardo gritava de dor. Seus corpos ficaram cobertos de cortes e arranhões.

O Cágado saltou pela janela logo depois de dar a ordem ao tambor. Lá fora, depois de algum tempo, gritou novamente:

— Ngâmâ! Guarde tudo!

O tambor recolheu todas as mesas e chicotes, pondo fim ao castigo. Kudu sabia que os açoitados iriam atrás dele para matá-lo, por isso fugiu com sua família para o rio. Pularam todos na água e se espalharam, escondendo-se atrás de raízes e troncos submersos. O Leopardo, vendo o Cágado sumir na água, gritou ainda:

— Para sua sorte, é bom que não nos vejamos mais! Se eu o encontrar novamente, vou matá-lo!

POR QUE O SOL E A LUA VIVEM NO CÉU

ELPHINSTONE DAYRELL

Há muitos e muitos anos, o Sol e a Água eram grandes amigos e viviam juntos na Terra. O Sol sempre visitava a Água, que nunca retribuía suas visitas.

Um dia o Sol perguntou à amiga por que ela nunca o visitara em sua casa. A Água respondeu que a casa do Sol era muito pequena e que ela e seu povo não caberiam lá. E disse ainda:

— Se você quer que eu o visite, construa uma grande aldeia. Terá de ser realmente imensa. Meu povo é numeroso e ocupamos muito espaço.

O Sol prometeu construir um grande complexo. Em seguida, voltou para sua casa. Sua esposa Lua o recebeu com um sorriso assim que ele entrou pela porta. O Sol contou sobre sua promessa para a Água e, no dia seguinte, começou a construção da aldeia para receber a visita de sua amiga.

Assim que a aldeia ficou pronta, o Sol convidou a Água para se hospedar lá.

Antes de entrar, a Água perguntou se o local era de fato seguro para ela e seus familiares.

— Claro. Entre, minha amiga — respondeu o Sol.

A Água então começou a correr para dentro da aldeia, acompanhada pelos peixes e outros animais aquáticos.

Logo tudo ficou coberto por um metro de Água, então ela perguntou:

— Posso chamar o resto da minha família?

Sem se darem conta da situação, Sol e Lua responderam que sim. A Água continuou entrando até que os donos da casa tiveram de subir no telhado.

A Água perguntou mais uma vez ao Sol, que reiterou sua permissão. Cada vez mais água e animais aquáticos foram entrando até que o telhado também ficou submerso. O Sol e a Lua acabaram forçados a subir ao céu, onde vivem desde então.





African Folk Tales

Volume 1

Elphinstone Dayrell
George W. Bateman
Robert Hamill Nassau

THE PHYSICIAN'S SON AND THE KING OF THE SNAKES

GEORGE W. BATEMAN

Once there was a very learned physician, who died leaving his wife with a little baby boy, whom, when he was old enough, she named, according to his father's wish, Hassee'boo Kareem' Ed Deen'.

When the boy had been to school, and had learned to read, his mother sent him to a tailor, to learn his trade, but he could not learn it. Then he was sent to a silversmith, but he could not learn his trade either. After that he tried many trades, but could learn none of them. At last his mother said, "Well, stay at home for a while;" and that seemed to suit him.

One day he asked his mother what his father's business had been, and she told him he was a very great physician.

"Where are his books?" he asked.

"Well, it's a long time since I saw them," replied his mother, "but I think they are behind there. Look and see."

So he hunted around a little and at last found them, but they were almost ruined by insects, and he gained little from them.

At last, four of the neighbors came to his mother and said, "Let your boy go along with us and cut wood in the forest." It was their business to cut wood, load it on donkeys, and sell it in the town for making fires.

"All right," said she; "to-morrow I'll buy him a donkey, and he can start fair with you."

So the next day Hasseeboo, with his donkey, went off with those four persons, and they worked very hard and made a lot of money that day. This continued for six days, but on the seventh day it rained heavily, and they had to get under the rocks to keep dry.

Now, Hasseeboo sat in a place by himself, and, having nothing else to do, he picked up a stone and began knocking on the ground with it. To his surprise the ground gave forth a hollow sound, and he called to his companions, saying, "There seems to be a hole under here."

Upon hearing him knock again, they decided to dig and see what was the cause of the hollow sound; and they had not gone very deep before they broke into a large pit, like a well, which was filled to the top with honey.

They didn't do any firewood chopping after that, but devoted their entire attention to the collection and sale of the honey.

With a view to getting it all out as quickly as possible, they told Hasseeboo to go down into the pit and dip out the honey, while they put it in vessels and took it to town for sale. They worked for three days, making a great deal of money.

At last there was only a little honey left at the very bottom of the pit, and they told the boy to scrape that together while they went to get a rope to haul him out.

But instead of getting the rope, they decided to let him remain in the pit, and divide the money among themselves. So, when he had gathered the remainder of the honey together, and called for the rope, he received no answer; and after he had been alone in the pit for three days he became convinced that his companions had deserted him.

Then those four persons went to his mother and told her that they had become separated in the forest, that they had heard a lion roaring, and that they could find no trace of either her son or his donkey.

His mother, of course, cried very much, and the four neighbors pocketed her son's share of the money.

To return to Hasseeboo.

He passed the time walking about the pit, wondering what the end would be, eating scraps of honey, sleeping a little, and sitting down to think.

While engaged in the last occupation, on the fourth day, he saw a scorpion fall to the ground—a large one, too—and he killed it.

Then suddenly he thought to himself, “Where did that scorpion come from? There must be a hole somewhere. I’ll search, anyhow.”

So he searched around until he saw light through a tiny crack; and he took his knife and scooped and scooped, until he had made a hole big enough to pass through; then he went out, and came upon a place he had never seen before.

Seeing a path, he followed it until he came to a very large house, the door of which was not fastened. So he went inside, and saw golden doors, with golden locks, and keys of pearl, and beautiful chairs inlaid with jewels and precious stones, and in a reception room he saw a couch covered with a splendid spread, upon which he lay down.

Presently he found himself being lifted off the couch and put in a chair, and heard some one saying: “Do not hurt him; wake him gently,” and on opening his eyes he found himself surrounded by numbers of snakes, one of them wearing beautiful royal colors.

“Hullo!” he cried; “who are you?”

“I am Sulta’nee Waa’ Neeo’ka, king of the snakes, and this is my house. Who are you?”

“I am Hasseeboo Kareem Ed Deen.”

“Where do you come from?”

“I don’t know where I come from, or where I’m going.”

“Well, don’t bother yourself just now. Let’s eat; I guess you are hungry, and I know I am.”

Then the king gave orders, and some of the other snakes brought the finest fruits, and they ate and drank and conversed.

When the repast was ended, the king desired to hear Hasseeboo’s story; so he told him all that had happened, and then asked to hear the story of his host.

“Well,” said the king of the snakes, “mine is rather a long story, but you shall hear it. A long time ago I left this place, to go and live in the mountains of Al Kaaf, for the change of air. One day I saw a stranger coming along, and I said to him, ‘Where are you from?’ and he said, ‘I am wandering in the wilderness.’ ‘Whose son are you?’ I asked. ‘My name is Bolookee’a. My father was a sultan; and when he died I opened a small chest, inside of which I found a bag, which contained a small brass box; when I had opened this I found some writing tied up in a woolen cloth, and it was all in praise of a prophet. He was described as such a good and wonderful man, that I longed to see him; but when I made inquiries concerning him I was told he was not yet born.

Then I vowed I would wander until I should see him. So I left our town, and all my property, and I am wandering, but I have not yet seen that prophet.'

"Then I said to him, 'Where do you expect to find him, if he's not yet born? Perhaps if you had some serpent's water you might keep on living until you find him. But it's of no use talking about that; the serpent's water is too far away.'

"Well,' he said, 'good-bye. I must wander on.' So I bade him farewell, and he went his way.

"Now, when that man had wandered until he reached Egypt, he met another man, who asked him, 'Who are you?'

"I am Bolookeea. Who are you?'

"My name is Al Faan'. Where are you going?'

"I have left my home, and my property, and I am seeking the prophet.

"H'm!' said Al Faan; 'I can tell you of a better occupation than looking for a man that is not born yet. Let us go and find the king of the snakes and get him to give us a charm medicine; then we will go to King Solomon and get his rings, and we shall be able to make slaves of the genii and order them to do whatever we wish.'

"And Bolookeea said, 'I have seen the king of the snakes in the mountain of Al Kaaf.'

“All right,’ said Al Faan; ‘let’s go.’

“Now, Al Faan wanted the ring of Solomon that he might be a great magician and control the genii and the birds, while all Bolookeea wanted was to see the great prophet.

“As they went along, Al Faan said to Bolookeea, ‘Let us make a cage and entice the king of the snakes into it; then we will shut the door and carry him off.’

“All right,’ said Bolookeea.

“So they made a cage, and put therein a cup of milk and a cup of wine, and brought it to Al Kaaf; and I, like a fool, went in, drank up all the wine and became drunk. Then they fastened the door and took me away with them.

“When I came to my senses I found myself in the cage, and Bolookeea carrying me, and I said, ‘The sons of Adam are no good. What do you want from me?’ And they answered, ‘We want some medicine to put on our feet, so that we may walk upon the water whenever it is necessary in the course of our journey.’ ‘Well,’ said I, ‘go along.’

“We went on until we came to a place where there were a great number and variety of trees; and when those trees saw me, they said, ‘I am medicine for this;’ ‘I am medicine for that;’ ‘I am medicine for the head;’ ‘I am medicine for the feet;’ and presently one tree said, ‘If any one puts my medicine upon his feet he can walk on water.’

“When I told that to those men they said, ‘That is what we want;’ and they took a great deal of it.

“Then they took me back to the mountain and set me free; and we said good-bye and parted.

“When they left me, they went on their way until they reached the sea, when they put the medicine on their feet and walked over. Thus they went many days, until they came near to the place of King Solomon, where they waited while Al Faan prepared his medicines.

“When they arrived at King Solomon’s place, he was sleeping, and was being watched by genii, and his hand lay on his chest, with the ring on his finger.

“As Bolookea drew near, one of the genii said to him ‘Where are you going?’ And he answered, ‘I’m here with Al Faan; he’s going to take that ring.’ ‘Go back,’ said the genie; ‘keep out of the way. That man is going to die.’

“When Al Faan had finished his preparations, he said to Bolookea, ‘Wait here for me.’ Then he went forward to take the ring, when a great cry arose, and he was thrown by some unseen force a considerable distance.

“Picking himself up, and still believing in the power of his medicines, he approached the ring again, when a strong breath blew upon him and he was burnt to ashes in a moment.

“While Bolookeea was looking at all this, a voice said, ‘Go your way; this wretched being is dead.’ So he returned; and when he got to the sea again he put the medicine upon his feet and passed over, and continued to wander for many years.

“One morning he saw a man sitting down, and said ‘Good-morning,’ to which the man replied. Then Bolookeea asked him, ‘Who are you?’ and he answered: ‘My name is Jan Shah. Who are you?’ So Bolookeea told him who he was, and asked him to tell him his history. The man, who was weeping and smiling by turns, insisted upon hearing Bolookeea’s story first. After he had heard it he said:

“‘Well, sit down, and I’ll tell you my story from beginning to end. My name is Jan Shah, and my father is Tooeegha’mus, a great sultan. He used to go every day into the forest to shoot game; so one day I said to him, ‘Father, let me go with you into the forest to-day;’ but he said, ‘Stay at home. You are better there.’ Then I cried bitterly, and as I was his only child, whom he loved dearly, he couldn’t stand my tears, so he said: ‘Very well; you shall go. Don’t cry.’”

“Thus we went to the forest, and took many attendants with us; and when we reached the place we ate and drank, and then every one set out to hunt.

“I and my seven slaves went on until we saw a beautiful gazelle, which we chased as far as the sea without capturing

it. When the gazelle took to the water I and four of my slaves took a boat, the other three returning to my father, and we chased that gazelle until we lost sight of the shore, but we caught it and killed it. Just then a great wind began to blow, and we lost our way.

“When the other three slaves came to my father, he asked them, “Where is your master?” and they told him about the gazelle and the boat. Then he cried, “My son is lost! My son is lost!” and returned to the town and mourned for me as one dead.

“After a time we came to an island, where there were a great many birds. We found fruit and water, we ate and drank, and at night we climbed into a tree and slept till morning.

“Then we rowed to a second island, and, seeing no one around, we gathered fruit, ate and drank, and climbed a tree as before. During the night we heard many savage beasts howling and roaring near us.

“In the morning we got away as soon as possible, and came to a third island. Looking around for food, we saw a tree full of fruit like red-streaked apples; but, as we were about to pick some, we heard a voice say, “Don’t touch this tree; it belongs to the king.” Toward night a number of monkeys came, who seemed much pleased to see us, and they brought us all the fruit we could eat.

“Presently I heard one of them say, “Let us make this man our sultan.” Then another one said: “What’s the use? They’ll all run away in the morning.” But a third one said, “Not if we smash their boat.” Sure enough, when we started to leave in the morning, our boat was broken in pieces. So there was nothing for it but to stay there and be entertained by the monkeys, who seemed to like us very much.

“One day, while strolling about, I came upon a great stone house, having an inscription on the door, which said, “When any man comes to this island, he will find it difficult to leave, because the monkeys desire to have a man for their king. If he looks for a way to escape, he will think there is none; but there is one outlet, which lies to the north. If you go in that direction you will come to a great plain, which is infested with lions, leopards, and snakes. You must fight all of them; and if you overcome them you can go forward. You will then come to another great plain, inhabited by ants as big as dogs; their teeth are like those of dogs, and they are very fierce. You must fight these also, and if you overcome them, the rest of the way is clear.”

“I consulted with my attendants over this information, and we came to the conclusion that, as we could only die, anyhow, we might as well risk death to gain our freedom.

“As we all had weapons, we set forth; and when we came to the first plain we fought, and two of my slaves were

killed. Then we went on to the second plain, fought again; my other two slaves were killed, and I alone escaped.

“After that I wandered on for many days, living on whatever I could find, until at last I came to a town, where I stayed for some time, looking for employment but finding none.

“One day a man came up to me and said, “Are you looking for work?” “I am,” said I. “Come with me, then,” said he; and we went to his house.

“When we got there he produced a camel’s skin, and said, “I shall put you in this skin, and a great bird will carry you to the top of yonder mountain. When he gets you there, he will tear this skin off you. You must then drive him away and push down the precious stones you will find there. When they are all down, I will get you down.”

“So he put me in the skin; the bird carried me to the top of the mountain and was about to eat me, when I jumped up, scared him away, and then pushed down many precious stones. Then I called out to the man to take me down, but he never answered me, and went away.

“I gave myself up for a dead man, but went wandering about, until at last, after passing many days in a great forest, I came to a house, all by itself; the old man who lived in it gave me food and drink, and I was revived.

“I remained there a long time, and that old man loved me as if I were his own son.

“One day he went away, and giving me the keys, told me I could open the door of every room except one which he pointed out to me.

“Of course, when he was gone, this was the first door I opened. I saw a large garden, through which a stream flowed. Just then three birds came and alighted by the side of the stream. Immediately they changed to three most beautiful women. When they had finished bathing, they put on their clothes, and, as I stood watching them, they changed into birds again and flew away.

“I locked the door, and went away; but my appetite was gone, and I wandered about aimlessly. When the old man came back, he saw there was something wrong with me, and asked me what was the matter. Then I told him I had seen those beautiful maidens, that I loved one of them very much, and that if I could not marry her I should die.

“The old man told me I could not possibly have my wish. He said the three lovely beings were the daughters of the sultan of the genii, and that their home was a journey of three years from where we then were.

“I told him I couldn't help that. He must get her for my wife, or I should die. At last he said, “Well, wait till they

come again, then hide yourself and steal the clothes of the one you love so dearly.”

“So I waited, and when they came again I stole the clothes of the youngest, whose name was Sayadaa’tee Shems.

“When they came out of the water, this one could not find her clothes. Then I stepped forward and said, “I have them.” “Ah,” she begged, “give them to me, their owner; I want to go away.” But I said to her, “I love you very much. I want to marry you.” “I want to go to my father,” she replied. “You cannot go,” said I.

“Then her sisters flew away, and I took her into the house, where the old man married us. He told me not to give her those clothes I had taken, but to hide them; because if she ever got them she would fly away to her old home. So I dug a hole in the ground and buried them.

“But one day, when I was away from home, she dug them up and put them on; then, saying to the slave I had given her for an attendant, “When your master returns tell him I have gone home; if he really loves me he will follow me,” she flew away.

“When I came home they told me this, and I wandered, searching for her, many years. At last I came to a town where one asked me, “Who are you?” and I answered, “I am Jan Shah.” “What was your father’s name?” “Taaeeghamus.”

“Are you the man who married our mistress?” “Who is your mistress?” “Sayadaatee Shems.” “I am he!” I cried with delight.

“They took me to their mistress, and she brought me to her father and told him I was her husband; and everybody was happy.

“Then we thought we should like to visit our old home, and her father’s genii carried us there in three days. We stayed there a year and then returned, but in a short time my wife died. Her father tried to comfort me, and wanted me to marry another of his daughters, but I refused to be comforted, and have mourned to this day. That is my story.’

“Then Bolookeea went on his way, and wandered till he died.”

Next Sultaanee Waa Neeoka said to Hasseeboo, “Now, when you go home you will do me injury.”

Hasseeboo was very indignant at the idea, and said, “I could not be induced to do you an injury. Pray, send me home.”

“I will send you home,” said the king; “but I am sure that you will come back and kill me.”

“Why, I dare not be so ungrateful,” exclaimed Hasseeboo. “I swear I could not hurt you.”

“Well,” said the king of the snakes, “bear this in mind: when you go home, do not go to bathe where there are many people.”

And he said, "I will remember." So the king sent him home, and he went to his mother's house, and she was overjoyed to find that he was not dead.

Now, the sultan of the town was very sick; and it was decided that the only thing that could cure him would be to kill the king of the snakes, boil him, and give the soup to the sultan.

For a reason known only to himself, the vizir had placed men at the public baths with this instruction: "If any one who comes to bathe here has a mark on his stomach, seize him and bring him to me."

When Hasseeboo had been home three days he forgot the warning of Sultaanee Waa Neeoka, and went to bathe with the other people. All of a sudden he was seized by some soldiers, and brought before the vizir, who said, "Take us to the home of the king of the snakes."

"I don't know where it is," said Hasseeboo.

"Tie him up," commanded the vizir.

So they tied him up and beat him until his back was all raw, and being unable to stand the pain he cried, "Let up! I will show you the place."

So he led them to the house of the king of the snakes, who, when he saw him, said, "Didn't I tell you you would come back to kill me?"

“How could I help it?” cried Hasseeboo. “Look at my back!”

“Who has beaten you so dreadfully?” asked the king.

“The vizir.”

“Then there’s no hope for me. But you must carry me yourself.”

As they went along, the king said to Hasseeboo, “When we get to your town I shall be killed and cooked. The first skimming the vizir will offer to you, but don’t you drink it; put it in a bottle and keep it. The second skimming you must drink, and you will become a great physician. The third skimming is the medicine that will cure your sultan. When the vizir asks you if you drank that first skimming say, ‘I did.’ Then produce the bottle containing the first, and say, ‘This is the second, and it is for you.’ The vizir will take it, and as soon as he drinks it he will die, and both of us will have our revenge.”

Everything happened as the king had said. The vizir died, the sultan recovered, and Hasseeboo was loved by all as a great physician.

THE APE, THE SNAKE, AND THE LION

GEORGE W. BATEMAN

Long, long ago there lived, in a village called Keejee'jee, a woman whose husband died, leaving her with a little baby boy. She worked hard all day to get food for herself and child, but they lived very poorly and were most of the time half-starved.

When the boy, whose name was 'Mvoo' Laa'na, began to get big, he said to his mother, one day: "Mother, we are always hungry. What work did my father do to support us?"

His mother replied: "Your father was a hunter. He set traps, and we ate what he caught in them."

"Oho!" said 'Mvoo Laana; "that's not work; that's fun. I, too, will set traps, and see if we can't get enough to eat."

The next day he went into the forest and cut branches from the trees, and returned home in the evening.

The second day he spent making the branches into traps.

The third day he twisted cocconut fiber into ropes.

The fourth day he set up as many traps as time would permit.

The fifth day he set up the remainder of the traps.

The sixth day he went to examine the traps, and they had caught so much game, beside what they needed for themselves, that he took a great quantity to the big town of Oongoo'ja, where he sold it and bought corn and other things, and the house was full of food; and, as this good fortune continued, he and his mother lived very comfortably.

But after a while, when he went to his traps he found nothing in them day after day.

One morning, however, he found that an ape had been caught in one of the traps, and he was about to kill it, when it said: "Son of Adam, I am Neea'nee, the ape; do not kill me. Take me out of this trap and let me go. Save me from the rain, that I may come and save you from the sun some day."

So 'Mvoo Laana took him out of the trap and let him go.

When Neeanee had climbed up in a tree, he sat on a branch and said to the youth: "For your kindness I will give you a piece of advice: Believe me, men are all bad. Never do a good turn for a man; if you do, he will do you harm at the first opportunity."

The second day, 'Mvoo Laana found a snake in the same trap. He started to the village to give the alarm, but

the snake shouted: "Come back, son of Adam; don't call the people from the village to come and kill me. I am Neeo'ka, the snake. Let me out of this trap, I pray you. Save me from the rain to-day, that I may be able to save you from the sun to-morrow, if you should be in need of help."

So the youth let him go; and as he went he said, "I will return your kindness if I can, but do not trust any man; if you do him a kindness he will do you an injury in return at the first opportunity."

The third day, 'Mvoo Laana found a lion in the same trap that had caught the ape and the snake, and he was afraid to go near it. But the lion said: "Don't run away; I am Sim'ba Kong'way, the very old lion. Let me out of this trap, and I will not hurt you. Save me from the rain, that I may save you from the sun if you should need help."

So 'Mvoo Laana believed him and let him out of the trap, and Simba Kongway, before going his way, said: "Son of Adam, you have been kind to me, and I will repay you with kindness if I can; but never do a kindness to a man, or he will pay you back with unkindness."

The next day a man was caught in the same trap, and when the youth released him, he repeatedly assured him that he would never forget the service he had done him in restoring his liberty and saving his life.

Well, it seemed that he had caught all the game that could be taken in traps, and 'Mvoo Laana and his mother were hungry every day, with nothing to satisfy them, as they had been before. At last he said to his mother, one day: "Mother, make me seven cakes of the little meal we have left, and I will go hunting with my bow and arrows." So she baked him the cakes, and he took them and his bow and arrows and went into the forest.

The youth walked and walked, but could see no game, and finally he found that he had lost his way, and had eaten all his cakes but one.

And he went on and on, not knowing whether he was going away from his home or toward it, until he came to the wildest and most desolate looking wood he had ever seen. He was so wretched and tired that he felt he must lie down and die, when suddenly he heard some one calling him, and looking up he saw Neeanee, the ape, who said, "Son of Adam, where are you going?"

"I don't know," replied 'Mvoo Laana, sadly; "I'm lost."

"Well, well," said the ape; "don't worry. Just sit down here and rest yourself until I come back, and I will repay with kindness the kindness you once showed me."

Then Neeanee went away off to some gardens and stole a whole lot of ripe paw-paws and bananas, and brought

them to 'Mvoo Laana, and said: "Here's plenty of food for you. Is there anything else you want? Would you like a drink?" And before the youth could answer he ran off with a calabash and brought it back full of water. So the youth ate heartily, and drank all the water he needed, and then each said to the other, "Good-bye, till we meet again," and went their separate ways.

When 'Mvoo Laana had walked a great deal farther without finding which way he should go, he met Simba Kongway, who asked, "Where are you going, son of Adam?"

And the youth answered, as dolefully as before, "I don't know; I'm lost."

"Come, cheer up," said the very old lion, "and rest yourself here a little. I want to repay with kindness to-day the kindness you showed me on a former day."

So 'Mvoo Laana sat down. Simba Kongway went away, but soon returned with some game he had caught, and then he brought some fire, and the young man cooked the game and ate it. When he had finished he felt a great deal better, and they bade each other good-bye for the present, and each went his way.

After he had traveled another very long distance the youth came to a farm, and was met by a very, very old woman, who said to him: "Stranger, my husband has been taken very sick, and I am looking for some one to make him some

medicine. Won't you make it?" But he answered: "My good woman, I am not a doctor, I am a hunter, and never used medicine in my life. I can not help you."

When he came to the road leading to the principal city he saw a well, with a bucket standing near it, and he said to himself: "That's just what I want. I'll take a drink of nice well-water. Let me see if the water can be reached."

As he peeped over the edge of the well, to see if the water was high enough, what should he behold but a great big snake, which, directly it saw him, said, "Son of Adam, wait a moment." Then it came out of the well and said: "How? Don't you know me?"

"I certainly do not," said the youth, stepping back a little.

"Well, well!" said the snake; "I could never forget you. I am Neeoka, whom you released from the trap. You know I said, 'Save me from the rain, and I will save you from the sun.' Now, you are a stranger in the town to which you are going; therefore hand me your little bag, and I will place in it the things that will be of use to you when you arrive there."

So 'Mvoo Laana gave Neeoka the little bag, and he filled it with chains of gold and silver, and told him to use them freely for his own benefit. Then they parted very cordially.

When the youth reached the city, the first man he met was he whom he had released from the trap, who invited

him to go home with him, which he did, and the man's wife made him supper.

As soon as he could get away unobserved, the man went to the sultan and said: "There is a stranger come to my house with a bag full of chains of silver and gold, which he says he got from a snake that lives in a well. But although he pretends to be a man, I know that he is a snake who has power to look like a man."

When the sultan heard this he sent some soldiers who brought 'Mvoo Laana and his little bag before him. When they opened the little bag, the man who was released from the trap persuaded the people that some evil would come out of it, and affect the children of the sultan and the children of the vizir.

Then the people became excited, and tied the hands of 'Mvoo Laana behind him.

But the great snake had come out of the well and arrived at the town just about this time, and he went and lay at the feet of the man who had said all those bad things about 'Mvoo Laana, and when the people saw this they said to that man: "How is this? There is the great snake that lives in the well, and he stays by you. Tell him to go away."

But Neeoka would not stir. So they untied the young man's hands, and tried in every way to make amends for having suspected him of being a wizard.

Then the sultan asked him, “Why should this man invite you to his home and then speak ill of you?”

And 'Mvoo Laana related all that had happened to him, and how the ape, the snake, and the lion had cautioned him about the results of doing any kindness for a man.

And the sultan said: “Although men are often ungrateful, they are not always so; only the bad ones. As for this fellow, he deserves to be put in a sack and drowned in the sea. He was treated kindly, and returned evil for good.”

THE SUITORS OF PRINCESS GORILLA

ROBERT HAMILL NASSAU

Place

Njambi's Country

Persons

King Njina (Gorilla) and His Daughter

Njâgu (Elephant)

Nguwu (Hippopotamus)

Bejaka (Fishes: Sing. Ejaka)

Ngowa (Hog)

Njĕgâ (Leopard)

Telinga (a very small Monkey)

NOTE

This story evidently dates back to the first introduction of Rum into Africa. Gorilla's "new kind of water" was Rum.

Telinga's cheating did not finally succeed in obtaining him the wife; but was the cause of his now living only in trees; whereas formerly he lived in the long grass. The Telinga are very numerous, and they all look so alike that one cannot be distinguished from another. In the story, he had arranged with all his companions to help him drink.

In the Gorilla Country there are no lions, and there he is readily called the King of Beasts, because of the fearful length and strength of his arms.

How absurd that so horribly ugly a caricature of a human being should be supposed to have a beautiful daughter!

King Gorilla had a daughter, whose beauty had been much praised. She being of marriageable age, he announced to all the tribes that he would give her

in marriage to any one who could accomplish a certain task. He said he would not take any of the goods usually given in payment for a wife, as dowry. But, that he had a new kind of water, such as had never before been seen; and, whoever could drink an entire barreland of it, should have the prize that had been coveted by many.

So, all the tribes came together one day in the forest country of the King, to compete for the young woman, and the paths were crowded with the expectant suitors on their way to the King's Court.

First, because of his size, Elephant stepped forward. He walked with his solemn dignity, his ponderous feet sounding, tubu, tubu, as he strode toward where the barrel stood. He could, however, scarcely suppress his indignation, in the presence of the King, at what he considered the insultingly small test to which he was about to be subjected. He thought in his heart, "That barreland of water! Why! I, Njâgu, when I take my daily bath, I spurt from my trunk many barrells over my whole body, and I drink half a barreland at every meal. And this! Why! I'll swallow it down in two gulps!" He thrust his proboscis into the barrel to draw up a big mouthful. But, he instantly withdrew it, before he began to suck up any of it. "The new water" stung him. He lifted his trunk, and trumpeting with rage, declared that the task was impossible.

Many in the company, who had feared that the big elephant would leave no chance for them, secretly rejoiced at his failure; and began to hope for themselves.

Then Hippopotamus blundered forward. He was in haste, for he was sure he would succeed. He was not as big or heavy as Elephant, though he was more awkward. But he did not hesitate to boast aloud what he could do. "You, Njâgu, with your big body, afraid of that little barrel of water! Why! I live in water half of the time. And when I begin to drink in a river, I cause the Bejaka to be frightened." So he came bellowing and roaring, in order to impress the young woman with his importance. But his mouth had not sunk into the barrel as he thrust his nose in, before he jerked his head up with a bigger bellow of pain and disgust at the new water. Without making even a bow to the King, he shambled off to a river to wash his mouth.

Next came Hog. He said to Gorilla, "King Gorilla, I do not boast like those two other fellows, nor will I insult you as they have done, even if I fail. But, I do not think I shall fail. I am accustomed to putting my nose into all sorts of dirty places; so I shall try." He did try, slowly and carefully. But, even he, used to all sorts of filth and bad smells, turned from the barrel in disgust, and went away grunting.

Then Leopard came bounding forward, boasting and jumping from side to side to show his beautiful skin to the

young woman. He derided the other three who had preceded him. "O! you fellows! You had no chance at all, even if you had drunk up that water. The woman would not look at you, nor live with such blundering, awkward gawks as you. Look at my graceful body and tail! These strong but soft paws of mine! And, as to that barrel, you shall see in a few minutes. Though we of the Cat Tribe do not like to wet our feet, I will do it for the sake of the woman. I'm the dandy of the Forest, and I shall go at it more gracefully than you." He leaped onto the barrel. But, its very fumes sickened him. He made one vain effort. And with limp tail between his legs he crawled away to hide his shame.

One after another of the various Beasts attempted. And all failed. Finally, there crept forward the little Telinga. He had left the hundreds of his Tribe of little Monkeys hidden out in the grass field. As he advanced, there was a murmur of surprise from the unsuccessful spectators. Even King Gorilla could not refrain from saying, "Well! my little fellow! what do you want?" Telinga replied, "Your Majesty, did not you send word to all the Tribes that any one might compete?" "Yes, I did," he answered. And Telinga said, "Then I, Telinga, small as I am, I shall try." The King replied, "I will keep my royal word. You may try." "But, Your Majesty," asked Telinga, "is it required that the barrel must be drank at one draught? May I

not, between each mouthful, take a very short rest out in the grass?" Said Gorilla, "Certainly, just so you drink it today."

So Telinga took a sip, and leaped off into the grass. And, apparently, he immediately returned, and took another sip and leaped back into the grass; and, apparently, immediately returned again. And apparently—(They were his companions who had come one by one to help him!) Thus the barrelful of firewater was rapidly sipped away.

King Gorilla announced Telinga as the winner of the prize.

What the young woman thought of the loss of her graceful lovers, the Antelopes and others, is not known. For, when Telinga advanced to take her, Leopard and others dashed at him, shouting, "You miserable little snip of a fellow! You've won her; but if we can't have her you shan't. There! take that! and that! and that!" as they began to beat and kick and bite him.

In terror, he jumped into the trees, abandoning his bride.

And he and his tribe have remained in the trees ever since, afraid to come down to the ground.

GOSO, THE TEACHER

GEORGE W. BATEMAN

Once there was a man named Go'so, who taught children to read, not in a schoolhouse, but under a calabash tree. One evening, while Goso was sitting under the tree deep in the study of the next day's lessons, Paa, the gazelle, climbed up the tree very quietly to steal some fruit, and in so doing shook off a calabash, which, in falling, struck the teacher on the head and killed him.

When his scholars came in the morning and found their teacher lying dead, they were filled with grief; so, after giving him a decent burial, they agreed among themselves to find the one who had killed Goso, and put him to death.

After talking the matter over they came to the conclusion that the south wind was the offender.

So they caught the south wind and beat it.

But the south wind cried: "Here! I am Koo'see, the south wind. Why are you beating me? What have I done?"

And they said: “Yes, we know you are Koosee; it was you who threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Koosee said, “If I were so powerful would I be stopped by a mud wall?”

So they went to the mud wall and beat it.

But the mud wall cried: “Here! I am Keeyambaa’za, the mud wall. Why are you beating me? What have I done?”

And they said: “Yes, we know you are Keeyambaaza; it was you who stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Keeyambaaza said, “If I were so powerful would I be bored through by the rat?”

So they went and caught the rat and beat it.

But the rat cried: “Here! I am Paan’ya, the rat. Why are you beating me? What have I done?”

And they said: “Yes, we know you are Paanya; it was you who bored through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Paanya said, “If I were so powerful would I be eaten by a cat?”

So they hunted for the cat, caught it, and beat it.

But the cat cried: "Here! I am Paa'ka, the cat. Why do you beat me? What have I done?"

And they said: "Yes, we know you are Paaka; it is you that eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it."

But Paaka said, "If I were so powerful would I be tied by a rope?"

So they took the rope and beat it.

But the rope cried: "Here! I am Kaam'ba, the rope. Why do you beat me? What have I done?"

And they said: "Yes, we know you are Kaamba; it is you that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it."

But Kaamba said, "If I were so powerful would I be cut by a knife?"

So they took the knife and beat it.

But the knife cried: "Here! I am Kee'soo, the knife. Why do you beat me? What have I done?"

And they said: "Yes, we know you are Keesoo; you cut Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it."

But Keesoo said, "If I were so powerful would I be burned by the fire?"

And they went and beat the fire.

But the fire cried: "Here! I am Mo'to, the fire. Why do you beat me? What have I done?"

And they said: "Yes, we know you are Moto; you burn Keesoo, the knife; that cuts Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it."

But Moto said, "If I were so powerful would I be put out by water?"

And they went to the water and beat it.

But the water cried: "Here! I am Maa'jee, the water. Why do you beat me? What have I done?"

And they said: "Yes, we know you are Maa'jee; you put out Moto, the fire; that burns Keesoo, the knife; that

cuts Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Maajee said, “If I were so powerful would I be drunk by the ox?”

And they went to the ox and beat it.

But the ox cried: “Here! I am Ng’om’bay, the ox. Why do you beat me? What have I done?”

And they said: “Yes, we know you are Ng’ombay; you drink Maajee, the water; that puts out Moto, the fire; that burns Keesoo, the knife; that cuts Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Ng’ombay said, “If I were so powerful would I be tormented by the fly?”

And they caught a fly and beat it.

But the fly cried: “Here! I am Een’zee, the fly. Why do you beat me? What have I done?”

And they said: “Yes, we know you are Eenzee; you torment Ng’ombay, the ox; who drinks Maajee, the water;

that puts out Moto, the fire; that burns Keesoo, the knife; that cuts Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

But Eenzee said, “If I were so powerful would I be eaten by the gazelle?”

And they searched for the gazelle, and when they found it they beat it.

But the gazelle said: “Here! I am Paa, the gazelle. Why do you beat me? What have I done?”

And they said: “Yes, we know you are Paa; you eat Eenzee, the fly; that torments Ng’ombay, the ox; who drinks Maajee, the water; that puts out Moto, the fire; that burns Keesoo, the knife; that cuts Kaamba, the rope; that ties Paaka, the cat; who eats Paanya, the rat; who bores through Keeyambaaza, the mud wall; which stopped Koosee, the south wind; and Koosee, the south wind, threw down the calabash that struck our teacher Goso. You should not have done it.”

The gazelle, through surprise at being found out and fear of the consequences of his accidental killing of the teacher, while engaged in stealing, was struck dumb.

Then the scholars said: “Ah! he hasn’t a word to say for himself. This is the fellow who threw down the calabash that struck our teacher Goso. We will kill him.”

So they killed Paa, the gazelle, and avenged the death of their teacher.

WHY GOATS BECAME DOMESTIC

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Tomba-Ya-Taba (Goat)

With Etoli, plural Betoli (Rat)

Vyâdu (Antelope, plural Lâdu)

Njâ (Leopard)

Ko (Wild-Rat)

Njâku (Elephant)

Mankind

Nyati (Ox)

Goat and his mother lived alone in their village. He said to her, "I have here a magic-medicine to strengthen one in wrestling. There is no one who can overcome me, or cast me down; I can overcome any other person."

The other Beasts heard of this boast; and they took up the challenge. First, house-Rats, hundreds of them, came to Goat's village, to test him. And they began the wrestling. He overcame them, one by one, to the number of two hundred. So, the Rats went back to their places, admitting that they were not able to overcome him.

Then, forest-Rat came to wrestle with Goat. He overcame them also, all of them. And they went back to their own place defeated.

Then, the Antelope came to wrestle with Goat. He overcame all the Antelopes, every one of them; not one was able to withstand him. And they also went back to their places.

Also, Elephant with all the elephants, came on that same challenge. Goat overcame all the Elephants; and they too, went back to their place.

Thus, all the Beasts came, in the same way, and were overcome in the same way, and went back in the same way.

But, there still remained one Beast, only one, Leopard, who had not made the attempt. So he said he would go; as

he was sure he could overcome. He came. Goat overcame him also. So, it was proved that not a single beast could withstand Goat.

Then the Father of All-the-Leopards said, "I am ashamed that this Beast should overcome me. I will kill him!" And he made a plan to do so. He went to the spring where Mankind got their drinking-water. And he stood, hiding at the spring. Men of the town went to the spring to get water; Leopard killed two of them. The people went to tell Goat, "Go away from here, for Leopard is killing Mankind on your account." The Mother of Goat said to him, "If that is so, let us go to my brother Vyâdu." So they both went to go to Uncle Antelope. And they came to his village. When they told him their errand, he bravely said, "Remain here! Let me see Njâ come here with his audacity!"

They were then at Antelope's village, about two days. On the third day, about eight o'clock in the morning, Leopard came there as if for a walk. When Antelope saw him, Goat and his mother hid themselves; and Antelope asked Leopard, "What is your anger? Why are you angry with my nephew?"

At that very moment while Antelope was speaking, Leopard seized him on the ear. Antelope cried out, "What are you killing me for?" Leopard replied, "Show me the place where Tomba-Tabâ and his mother are." So, Antelope being

afraid said, "Come tonight, and I will show you where they sleep. And you kill them; but don't kill me."

While he was saying this, Goat overheard, and said to his mother, "We must flee, lest Njà kill us." So, at sundown, that evening, Goat and his mother fled to the village of Elephant. About midnight, Leopard came to Antelope's village, according to appointment, and looked for Goat, but did not find him. Leopard went to all the houses of the village, and when he came to Antelope's own, in his disappointment, he killed him.

Leopard kept up his search, and followed to find where Goat had gone. Following the tracks, he came to the village of Elephant. When he arrived there, Elephant demanded, "What's the matter?" And the same conversation was held, as at Antelope's village, and the incidents happened as at that village, ending with Elephant's being killed by Leopard. For, Goat and his mother had fled, and had gone to the village of Ox.

Leopard followed, and came to Ox's village. There all the same things were said and done, as in the other villages, and ending with Goat and his mother fleeing, and Ox being killed.

Then, the mother, wearying of flight, and sorry at causing their entertainers to be killed, said, "My child! if we

continue to flee to the villages of other beasts, Njà will follow, and will kill them. Let us flee to the homes of Mankind.”

So, they fled again, and came to the town of Man, and told him their story. He received them kindly. He took Goat and his mother as guests, and gave them a house to live in.

One time, at night, Leopard came to the town of Man, in pursuit of Goat. But Man said to Leopard, “Those Beasts whom you killed, failed to find a way in which to kill you. But, if you come here, we will find a way.” So, that night, Leopard went back to his village.

On another day, Mankind began to make a big trap, with two rooms in it. They took Goat and put him in one room of the trap. Night came. Leopard left his village, still going to seek for Goat; and he came again to the town of Man. Leopard stood still, listened, and sniffed the air. He smelled the odor of Goat, and was glad, and said, “So! this night I will kill him!”

He saw an open way to a small house. He thought it was a door. He entered, and was caught in the trap. He could see Goat through the cracks in the wall, but could not get at him. Goat jeered at him, “My friend! you were about to kill me, but you are unable.”

Daybreak came. And people of Man’s town found Leopard in the trap, caught fast. They took machetes and

guns, and killed him. Then Man said to Goat, “You shall not go back to the Forest; remain here always.”

This is the reason that Goats like to live with mankind, through fear of Leopards.

LEOPARD OF THE FINE SKIN

ROBERT HAMILL NASSAU

Place

Town of King Mborakinda

Persons

King Mborakinda

Ilâmbe, His Daughter

Ra-Marânge, A Doctor

And Other People

Njĕgâ (Leopard)

Kabala (A Magic Horse)

Ogula-Ya-Mpazya-Vazya, A Sorcerer

NOTE

Leopards can swim if compelled to, but they do not like to enter water, or wet their feet in any way.

At the town of Ra-Mborakinda, where he lived with his wives and his children and his glory, this occurred.

He had a beloved daughter, by name Ilâmbe. He loved her much; and sought to please her in many ways, and gave her many servants to serve her. When she grew up to womanhood, she said that she did not wish any one to come to ask her in marriage; that she herself would choose a husband. "Moreover, I will never marry any man who has any, even a little bit of, blotch on his skin."

Her father did not like her to speak in that way; nevertheless, he did not forbid her.

When men began to come to the father and say, "I desire your daughter Ilâmbe for a wife," he would say, "Go, and ask herself." Then when the man went to Ilâmbe's house, and would

say, "I have come to ask you in marriage," her only reply was a question, "Have you a clear skin, and no blotches on your body?" If he answered, "Yes," Ilâmbe would say, "But, I must see for myself; come into my room." There she required the man to take off all his clothing. And if, on examination, she saw the slightest pimple or scar, she would point toward it, and say, "That! I do not want you." Then perhaps he would begin to plead, "All my skin is right, except—." But she would interrupt him, "No! for even that little mark I do not want you."

So it went on with all who came, she finding fault with even a small pimple or scar. And all suitors were rejected. The news spread abroad that Ra-Mborakinda had a beautiful daughter, but that no one was able to obtain her, because of what she said about diseases of the skin.

Still, many tried to obtain her. Even animals changed themselves to human form, and sought her, in vain.

At last, Leopard said, "Ah! this beautiful woman! I hear about her beauty, and that no one is able to get her. I think I better take my turn, and try. But, first I will go to Ra-Marânge." He went to that magic-doctor, and told his story about Ra-Mborakinda's fine daughter, and how no man could get her because of her fastidiousness about skins. Ra-Marânge told him, "I am too old. I do not now do those things about medicines. Go to Ogula-ya-mpazy-a-vazy-a."

So, Leopard went to him. As usual, the sorcerer Ogula jumped into his fire; and coming out with power, directed Leopard to tell what he wanted. So he told the whole story again, and asked how he should obtain the clean body of a man. The sorcerer prepared for him a great “medicine” by which to give him a human body, tall, graceful, strong and clean. Leopard then went back to his town, told his people his plans, and prepared their bodies also for a change if needed. Having taken also a human name, Ogula, he then went to Ra-Mborakinda, saying, “I wish your daughter Ilâmbe for wife.”

On his arrival, at Ra-Mborakinda’s, the people admired the stranger, and felt sure that Ilâmbe would accept this suitor, exclaiming, “This fine-looking man! his face! and his gait! and his body!” When he had made his request of Ra-Mborakinda, he was told, as usual, to go to Ilâmbe and see whether she would like him. When he went to her house, he looked so handsomely, that Ilâmbe was at once pleased with him. He told her, “I love you; and I come to marry you. You have refused many. I know the reason why, but I think you will be satisfied with me.” She replied, “I think you have heard from others the reason for which I refuse men. I will see whether you have what I want.” And she added, “Let us go into the room; and let me see your skin.”

They entered the room; and Ogula-Njêgâ removed his fine clothing. Ilâmbe examined with close scrutiny from

his head to his feet. She found not the slightest scratch or mark; his skin was like a babe's. Then she said, "Yes! this is my man! truly! I love you, and will marry you!" She was so pleased with her acquisition, that she remained in the room enjoying again a minute examination of her husband's beautiful skin. Then she went out, and ordered her servants to cook food, prepare water, etc., for him; and he did not go out of the house, nor have a longing to go back to his town, for he found that he was loved.

On the third day, he went to tell the father, Ra-Mborakinda, that he was ready to take his wife off to his town. Ra-Mborakinda consented. All that day, they prepared food for the marriage-feast. But, all the while that this man-beast, Ogula-Njĕgâ was there, Ra-Mborakinda, by his okove (a magic fetish) knew that some evil would come out of this marriage. However, as Ilâmbe had insisted on choosing her own way, he did not interfere.

After the marriage was over, and the feast eaten, Ra-Mborakinda called his daughter, and said, "Ilâmbe, mine, now you are going off on your journey." She said, "Yes; for I love my husband." The father asked, "Do you love him truly?" She answered "Yes." Then he told her, "As you are married now, you need a present from me, as your ozendo (bridal gift)." So, he gave her a few presents, and told her, "Go to

that house," indicating a certain house in the town; and he gave her the key of the house, and told her to go and open the door. That was the house where he kept all his charms for war, and fetishes of all kinds. He told her, "When you go in, you will see two Kabala, standing side by side. The one that will look a little dull, with its eyes directed to the ground, take it; and leave the brighter looking one. When you are coming with it, you will see that it walks a little lame. Nevertheless, take it." She objected, "But, father, why do you not give me the finer one, and not the weak one?" But he said, "No!" and made a knowing smile, as he repeated, "Go, and take the one I tell you." He had reason for giving this one. The finer-looking one had only fine looks; but this other one would some day save her by its intelligence.

She went and took Horse, and returned to her father; and the journey was prepared. The father sent with her, servants to carry the baggage, and to remain with and work for her at the town of her marriage. She and her husband arranged all their things, and said good-bye, and off they went, both of them sitting on Horse's back.

They journeyed and they journeyed. On the way, Ogula-Njègâ, though changed as to his form and skin, possessed all his old tastes. Having been so many days without tasting blood or uncooked meats, as they passed through the forest

of wild beasts, the longing came on him. They emerged onto a great prairie, and journeyed across it toward another forest. Before they had entirely crossed the prairie, the longing for his prey so overcame him that he said, "Wife, you with your Kabala and the servants stay here while I go rapidly ahead; and wait for me until I come again." So he went off, entered the forest, and changed himself back to Leopard. He hunted for prey, caught a small animal, and ate it; and another, and ate it. After being satisfied, he washed his hands and mouth in a brook; and, changing again to human form, he returned on the prairie to his wife.

She observed him closely, and saw a hard, strange look on his face. She said, "But, all this while! What have you been doing?" He made an excuse. They went on.

And the next day, it was the same, he leaving her, and telling her to wait till he returned; and hunting and eating as a Leopard. All this that was going on, Ilâmbe was ignorant of. But Horse knew. He would speak after awhile, but was not ready yet.

So it went on, until they came to Leopard's town. Before they reached it, Ogula-Njĕgâ, by the preparations he had first made, had changed his mother into a human form in which to welcome his wife. Also the few people of the town, all with human forms, welcomed her. But, they did not sit much

with her. They stayed in their own houses; and Ogula-Njĕgâ and his wife stayed in theirs. For a few days, Leopard tried to be a pleasant Ogula, deceiving his wife. But his taste for blood was still in his heart. He began to say, "I am going to another town; I have business there." And off he would go, hunting as a leopard; when he returned, it would be late in the day. So he did on other days.

After a time, Ilâmbe wished to make a food-plantation, and sent her men-servants to clear the ground. Ogula-Njĕgâ would go around in the forest on the edge of the plantation; and catching one of the men, there would return that day one servant less.

One by one, all the men-servants were thus missing; and it was not known what became of them, except that Leopard's people knew. One night Ogula-Njĕgâ was out; and, meeting one of the female servants, she too was reported missing.

Sometimes, when Ogula-Njĕgâ was away, Ilâmbe, feeling lonesome, would go and pet Horse. After the loss of this maid-servant, Horse thought it was time to warn Ilâmbe of what was going on. While she was petting him, he said, "Eh! Ilâmbe! you do not see the trouble that is coming to you!" She asked, "What trouble?" He exclaimed, "What trouble? If your father had not sent me with you, what would have become of you? Where are all your servants that you brought

with you? You do not know where they go to, but I know. Do you think that they disappear without a reason? I will tell you where they go. It is your man who eats them; it is he who wastes them!" She could not believe it, and argued, "Why should he destroy them?" Horse replied, "If you doubt it, wait for the day when your last remaining servant is gone."

Two days after that, at night, another maid-servant disappeared. Another day passed. On another day, Ogula-Njégâ went off to hunt beasts, with the intention that, if he failed to get any, at night he would eat his wife.

When he had gone, Ilâmbe, in her loneliness, went to fondle Horse. He said to her, "Did I not tell you? The last maid is gone. You yourself will be the next one. I will give you counsel. When you have opportunity this night, prepare yourself ready to run away. Get yourself a large gourd, and fill it with ground-nuts; another with gourd-seeds; and another with water." He told her to bring these things to him, and he would know the best time to start.

While they were talking, Leopard's mother was out in the street, and heard the two voices. She said to herself, "Ilâmbe, wife of my son, does she talk with Kabala as if it was a person?" But, she said nothing to Ilâmbe, nor asked her about it.

Night came on; and Ogula-Njégâ returned. He said nothing; but his face looked hard and bad. Ilâmbe was troubled

and somewhat frightened at his ugly looks. So, at night, on retiring, she began to ask him, "But why? Has anything displeased you?" He answered, "No; I am not troubled about anything. Why do you ask questions?" "Because I see it in your face that your countenance is not pleasant." "No; there's no matter. Everything is right. Only, about my business, I think I must start very early." Ogula-Njĕgâ had begun to think, "Now she is suspecting me. I think I will not eat her this night, but will put it off until next night."

That night, Ilâmbe did not sleep. In the morning, Leopard said that he would go to his business, but would come back soon. When he was gone away to his hunting work, Ilâmbe felt lonesome, and went to Horse. He, thinking this a good time to run away, they started at once, without letting any one in the village know, and taking with them the three gourds. Horse said that they must go quickly; for, Leopard, when he discovered them gone, would rapidly pursue. So they went fast and faster, Horse looking back from time to time, to see whether Leopard was pursuing.

After they had been gone quite a while, Ogula-Njĕgâ returned from his business to his village, went into his house, and did not see Ilâmbe. He called to his mother, "Where is Ilâmbe?" His mother answered, "I saw Ilâmbe with her Kabala, talking together; they have been at it for two days."

Ogula-Njêgâ began to search; and, seeing the hoof-prints, he exclaimed, "Mi asaiya (shame for me). Ilâmbe has run away. I and she shall meet today!"

He instantly turned from his human form back to that of leopard, and went out, and pursued, and pursued, and pursued. But, it took some time before he came in sight of the fugitives. As Horse turned to watch, he saw Leopard, his body stretched low and long in rapid leaps. Horse said to Ilâmbe, "Did I not tell you? There he is, coming!" Horse hastened, with foam dropping from his lips. When he saw that Leopard was gaining on them, he told Ilâmbe to take the gourd of peanuts from his back, and scatter them along behind on the ground. Leopards like peanuts; and when Ogula-Njêgâ came to these nuts, he stopped to eat them. While he was eating, Horse gained time to get ahead. As soon as Leopard had finished the nuts, he started on in pursuit again, and soon began to overtake. When he approached, Horse told Ilâmbe to throw out the gourd-seeds. She did so. Leopard delayed to eat these seeds also. This gave Horse time to again get ahead. Thus they went on.

Leopard, having finished the gourd-seeds, again went leaping in pursuit; and, for the third time, came near. Horse told Ilâmbe to throw the gourd of water behind, with force so that it might crash and break on the ground. As soon as

she had done so, the water was turned to a stream of a deep wide river, between them and Leopard. Then he was at a loss. So, he shouted, "Ah! Ilâmbe! Mi asaiya! If I only had a chance to catch you!" So, he had to turn back.

Then Horse said, "We do not know what he may do yet; perhaps he may go around and across ahead of us. As there is a town which I know near here, we had better stay there a day or two while he may be searching for us." He added to her, "Mind! this town where we are going, no woman is allowed to be there, only men. So, I will change your face and dress like a man's. Be very careful how you behave when you take your bath, lest you die." Ilâmbe promised; and Horse changed her appearance. So, a fine-looking young man was seen riding into the street of the village. There were exclamations in the street, "This is a stranger! Hail! stranger; hail! Who showed you the way to come here?" This young man answered, "Myself; I was out riding; I saw an open path; and I came in." He entered a house, and was welcomed; and they told him their times of eating, and of play, etc. But, on the second day, as this young man went out privately, one of the men observed, and said to the other, "He acts like a woman!" The others asked, "Really! you think so?" He asserted, "Yes! I am sure!" So, that day Ilâmbe was to meet with some trouble; for, to prove her, the men had

said to her, "Tomorrow we all go bathing in the river, and you shall go with us." She went to ask Horse what she should do. He rebuked her, "I warned you, and you have not been careful. But, do not be troubled; I will change you into a man."

That night, Ilâmbe went to Horse; and he changed her. He also told her, "I warn you again. Tomorrow you go to bathe with the others, and you may take off your clothes; for, you are now a man. But, it is only for a short time, because we stay here only a day and a night more, and then we must go."

The next morning all the town went to play, and after that to bathe. When they went into the water, the other men were all expecting to see a woman revealed; but they saw that their visitor was a man. They admired his wonderfully fine physique. On emerging from the water, the men said to the one who had informed on Ilâmbe, "Did you not tell us that this was a woman? See, how great a man he is!" As soon as they said that, the young man Ilâmbe was vexed with him, and began to berate him, saying, "Eh! you said I was a woman?" And she chased him and struck him. Then they all went back to the town.

In the evening, Horse told Ilâmbe, "I tell you what to do tomorrow. In the morning, you take your gun, and shoot me dead. After you have shot me, these men will find fault

with you, saying ‘Ah! you shoot your horse, and did not care for it?’ But, do not say anything in reply. Cut me in pieces, and burn the pieces in the fire. After this, carefully gather all the black ashes; and, very early in the following morning, in the dark before any one is up, go out of the village gateway, scatter the ashes, and you will see what will happen.”

The young man did all this. On scattering the ashes, he instantly found himself changed again to a woman, and sitting on Horse’s back; and they were running rapidly away.

That same day, in the afternoon, they came to the town of the father Ra-Mborakinda. On their arrival there, they (but especially Horse) told their whole story. Ilâmbe was somewhat ashamed of herself; for, she had brought these troubles on herself by insisting on having a husband with a perfectly fine skin. So, her father said, “Ilâmbe, my child, you see the trouble you have brought on yourself. For you, a woman, to make such a demand was too much. Had I not sent Kabala with you, what would have become of you?” The people gave Ilâmbe a glad welcome. And she went to her house, and said nothing more about fine skins.

THE MAGIC DRUM

ROBERT HAMILL NASSAU

Persons

Kudu (Tortoise)

King Maseni, A Man

Njâ (Leopard)

Ngâmâ (A Magic Drum)

NOTE

The reason is here given why the turtle tribe of tortoises likes to live only in water; viz., their fear of the vengeance of the descendants of Leopard the King, because of the whipping to which he was subjected by the trick of the ancestor of the tortoises.

In the Ancient days, there were Mankind and all the Tribes of the Animals living together in one country. They built their towns, and they dwelt together in one place. In the country of King Maseni, Tortoise and Leopard occupied the same town; the one at one end of the street, and the other at the other.

Leopard married two women; Tortoise also his two.

It happened that a time of famine came, and a very great hunger fell on the Tribes covering that whole region of country. So, King Maseni issued a law, thus:—"Any person who shall be found having a piece of food, he shall he brought

to me.” (That is, for the equal distribution of that food.) And he appointed police as watchmen to look after that whole region.

The famine increased. People sat down hopelessly, and died of hunger. Just as, even today, it destroys the poor; not only of Africa, but also in the lands of Manga-Manëne (White Man’s Land). And, as the days passed, people continued sitting in their hopelessness.

One day, Tortoise went out early, going, going and entering into the jungles, to seek for his special food, mushrooms. He had said to his wife, “I am going to stroll on the beach off down toward the south.” As he journeyed and journeyed, he came to a river. It was a large one, several hundred feet in width. There he saw a coco-nut tree growing on the river-bank. When he reached the foot of the tree, and looked up at its top, he discovered that it was full of very many nuts. He said to himself. “I’m going up there, to gather nuts; for, hunger has seized me.” He laid aside his traveling-bag, leaving it on the ground, and at once climbed the tree, expecting to gather many of the nuts. He plucked two, and threw them to the ground. Plucking another, and attempting to throw it, it slipped from his hand, and fell into the stream running below.

Then he exclaimed, “I’ve come here in hunger; and does my coco-nut fall into the water to be lost?” He said to

himself, "I'll leave here, and drop into the water, and follow the nut." So, he plunged down, splash! into the water. He dove down to where the nut had sunk, to get it. And he was carried away by the current. Following the nut where the current had carried it, he came to the landing-place of a strange Town, where was a large House. People were there in it. And other people were outside, playing. They called to him. From the House, he heard a Voice, saying "Take me! take me! take me!" (It was a Drum that spoke.)

At the landing-place was a woman washing a child. The woman said to him, "What is it that brought you here? And, Kudu, where are you going?" He replied, "There is great hunger in our town. So, on my way, I came seeking for my mushrooms. Then it was that I saw a coco tree; and I climbed it; for, I am hungry and have nothing to eat. I threw down the nuts. One fell into the river. I followed it; and I came hither." Then the woman said, "Now then, you are saved." And she added, "Kudu! go to that House over there. You will see a Thing there. That Thing is a Drum. Start, and go at once to where the Drums are."

Others of those people called out to him, "There are many such Things there. But, the kind that you will see which says, 'Take me! take me!' do not take it. But, the Drum which is silent and does not speak, but only echoes, 'wo-wo-wo,' without

any real words, you must take it. Carry it with you, and tie it to that coco tree. Then you must say to the Drum, 'Ngâmâ! speak as they told to you!'" So, Tortoise went on, and on, to the House, and took the Drum, and, carrying it, came back to the river bank where the Woman was. She said to him, "You must first try to learn how to use it. Beat it!" He beat it. And, a table appeared with all kinds of food! And, when he had eaten, he said to the Drum, "Put it back!" And the table disappeared.

He carried the Drum with him clear back to the foot of the coco tree. He tied it with a rattan to the tree, and then said to the Drum, "Ngâmâ! do as they said!" Instantly, the Drum set out a long table, and put on all sorts of food. Tortoise felt very glad and happy for the abundance of food. So he ate and ate, and was satisfied. Again he said, "Ngâmâ! do as they said!" And Drum took back the table and the food to itself up the tree, leaving a little food at the foot; and then came back to the hand of Tortoise. He put this little food in his traveling-bag, and gathered from the ground the coconuts he had left lying there in the morning, and started to go back to his town. He stopped at a spot a short distance in the rear of the town. So delighted was he with his Drum that he tested it again. He stood it up, and with the palm of his hand struck it, tomu! A table at once stood there, with all kinds of food. Again he ate, and also filled his traveling-

bag. Then he said to a tree that was standing near by, "Bend down!" It bowed; and he tied the Drum to its branch; and went off into the town. The coco-nuts and the mushrooms he handed to his women and children. After he had entered his house, his chief wife said to him, "Where have you been all this long while since the morning?" He replied evasively, "I went wandering clear down to the beach to gather coco-nuts. And, this day I saw a very fine thing. You, my wife, shall see it!" Then he drew out the food from the bag, potatoes, and rice, and beef. And he said, "The while that we eat this food, no one must show any of it to Njâ." So, they two, and his other wife and their family of children ate.

Soon day darkened; and they all went to go to sleep. And soon another day began to break. At day-break, Tortoise started to go off to the place where was the Drum. Arrived there, he went to the tree, and said to the Drum, "Ngâmâ! do as they said!" The Drum came rapidly down to the ground, and put out the table all covered with food. Tortoise took a part, and ate, and was satisfied. Then he also filled the bag. Then said he to the Drum, "Do as you did!" And Drum took back the things, and went up the tree. On another day, at day-break, he went to the tree and did the same way.

On another day, as he was going, his eldest son, curious to find out where his father obtained so much food, secretly

followed him. Tortoise went to where the Drum was. The child hid himself, and stood still. He heard his father say to the tree, "Bend!" And its top bent down. The child saw the whole process, as Tortoise took the Drum, stood it up, and with the palm of his hand, struck it, vè! saying, "Do as you have been told to do!" At once a table stood prepared, at which Tortoise sat down and ate. And then, when he had finished, saying, "Tree! bend down," it bent over for Drum to be tied to it. He returned Drum to the branch; and the tree stood erect.

On other days, Tortoise came to the tree, and did the same way, eating; and returning to his house; on all such occasions, bringing food for his family. One day, the son, who had seen how to do all those things, came to the tree, and said to it, "Bow down." It bowed; and he did as his father had done. So Drum spread the table. The child ate, and finished eating. Then said he to Drum, "Put them away!" And the table disappeared. Then he took up the Drum, instead of fastening it to the tree, and secretly carried it to town to his own house. He went to call privately his brothers, and his father's women, and other members of the family. When they had come together in his house, at his command, the Drum did as usual; and they ate. And when he said to the Drum, "Put away the things!" it put them away.

Tortoise came that day from the forest where he had been searching for the loved mushrooms for his family. He said to himself, "Before going into the town, I will first go to the tree to eat." As he approached the tree, when only a short distance from it, the tree was standing as usual, but the Drum was not there! He exclaimed, "Truly, now, what is this joke of the tree?" As he neared the foot of the tree, still there was no Drum to be seen! He said to the tree, "Bow down!" There was no response! He passed on to the town, took his axe, and returned at once to the tree, in anger saying, "Lest I cut you down, bend!" The tree stood still. Tortoise began at once with his axe chopping, Ko! ko! The tree fell, toppling to the ground, tomu! He said to it, "You! produce the Drum, lest I cut you in pieces!" He split the tree all into pieces; but he did not see the Drum. He returned to the town; and, as he went, he walked anxiously saying to himself, "Who has done this thing?" When he reached his house, he was so displeased that he declined to speak. Then his eldest son came to him, and said, "O! my father! why is it that you are silent and do not speak? What have you done in the forest? What is it?" He replied, "I don't want to talk." The son said, "Ah! my father! you were satisfied when you used to come and eat, and you brought us mushrooms. I am the one who took the Drum." Tortoise said to him, "My

child, now bring out to us the Drum.” He brought it out of an inner room. Then Tortoise and the son called together all their people privately, and assembled them in the house. They commanded the Drum. It did as it usually did. They ate. Their little children took their scraps of potatoes and meat of wild-animals, and, in their excitement, forgot orders, and went out eating their food in the open street. Other children saw them, and begged of them. They gave to them. Among them were children of Leopard, who went and showed the meat to their father.

All suddenly, Leopard came to the house of Tortoise, and found him and his family feasting. Leopard said, “Ah! Chum! you have done me evil. You are eating; and I and my family are dying with hunger!” Tortoise replied, “Yes, not today, but tomorrow you shall eat.” So, Leopard returned to his house.

After that, the day darkened. And they all went to lie down in sleep. Then, the next day broke.

Early in the morning, Tortoise, out in the street, announced, “From my house to Njà’s there will be no strolling into the forest today. Today, only food.”

Tortoise then went off by himself to the coco tree (whither he had secretly during the night carried the Drum). Arrived at the foot of the tree, he desired to test whether

its power had been lost by the use of it in his town. So, he gave the usual orders; and they were, as usually obeyed. Tortoise then went off with the Drum, carrying it openly on his shoulder, into the town, and directly to the house of Leopard, and said to him, "Call all your people! Let them come!" They all came into the house; and the people of Tortoise also. He gave the usual commands. At once, Drum produced abundance of food, and a table for it. So, they all ate, and were satisfied. And Drum took back the table to itself. Drum remained in the house of Leopard for about two weeks. It ended its supply of food, being displeased at Leopard's rough usage of itself; and there was no more food. Leopard went to Tortoise, and told him, "Drum has no more food. Go, and get another." Tortoise was provoked at the abuse of his Drum, but he took it, and hung it up in his house.

At this time, the watchmen heard of the supply of food at Leopard's house, and they asked him about it. He denied having any. They asked him, "Where then did you get this food which we saw your children eating?" He said, "From the children of Kudu." The officers went at once to King Maseni, and reported, "We saw a person who has food." He inquired, "Who is he?" They replied, "Kudu." The King ordered "Go ye, and summon Kudu." They went and told Tortoise, "The King summons you." Tortoise asked, "What

have I done to the King? Since the King and I have been living in this country, he has not summoned me.” Nevertheless, he obeyed and journeyed to the King’s house. The King said to him, “You are keeping food, while all the Tribes are dying of hunger? You! bring all those foods!” Tortoise replied, “Please excuse me! I will not come again today with them. But, tomorrow, you must call for all the tribes.”

The next morning, the King had his bell rung, and an order announced, “Any person whatever, old or young, come to eat!” The whole community assembled at the King’s house. Tortoise also came from his town, holding his Drum in his hand. The distant members of that Tribe, (not knowing and not having heard what that Drum had been doing) twitted him, “Is it for a dance?”

Entering into the King’s house, Tortoise stood up the Drum; with his palm he struck it, vè! saying, “Let every kind of food appear!” It appeared. The town was like a table, covered with every variety of food. The entire community ate, and were satisfied; and they dispersed. Tortoise took the Drum, and journeyed back to his town. He spoke to his hungry family, “Come ye!” They came. They struck the Drum; it was motionless; and nothing came from it! They struck it again. Silent! (It was indignant at having been used by other hands than those of Tortoise.) So, they sat down with hunger.

The next day, Tortoise went rapidly off to the coco tree, climbed it, gathered two nuts, threw one into the river, dropped into the stream, and followed the nut as he had done before. He came as before to that landing-place, and to the Woman, and told her about the failure of the Drum. She told him that she knew of it, and directed him to go and take another. He went on to that House, and to those People. And they, as before, asked him, "Kudu! whither goest thou?" He replied, "You know I have come to take my coco-nut." But they said, "No! leave the nut, and take a Drum." And, as before, they advised him to take a silent one. So, he came to the House of Drums. These called to him, "Take me! take me!" Then, he thought to himself, "Yes! I'll take one of those Drums that talk. Perhaps they will have even better things than the other." So, he took one, and came out of the House, and told those People "I have taken. And, now, for my journey."

He started from the landing-place, and on up the river, to the foot of the coco-tree. He tied the Drum to the tree with a cord, as before, set it up, and gave it a slap, vë! And a table stood there! He said, "Ngâmâ! do as you usually do!" Instantly, there were thrown down on the table, mbwâ! whips instead of food. Tortoise, surprised, said, "As usual!" The Drum picked up one of the whips, and beat Tortoise,

vè! He cried out with pain, and said to the Drum, "But, now do also as you do. Take these things away." And Drum returned the table and whips to itself. Tortoise regretfully said to himself, "Those People told me not to take a Drum that talked; but my heart deceived me."

However, a plan occurred to him by which to obtain a revenge on Leopard and the King for the trouble he had been put to.

So, taking up the Drum, he came to his own town, and went at once to the house of Leopard. To whom he said, "To-morrow come with your people and mine to the town of King Maseni." Leopard rejoiced at the thought, "This is the Drum of food!"

Then Tortoise journeyed to the King's town, and said, "I have found food, according to your order. Call the people tomorrow."

In the morning, the King's bell was rung, and his people, accompanied by those of Tortoise and Leopard, came to his house. Tortoise privately spoke to his own people, "No one of you must follow me into the house. Remain outside of the window."

Tortoise said to the King, "The food of today must be eaten only inside of your house." So, the King's people, with those of Leopard, entered into the house. There, Tortoise

said, "We shall eat this food only if all the doors and windows are fastened." So, they were fastened (excepting one which Tortoise kept open near himself). Then, the Drum was sounded, and Tortoise commanded it, "Do as you have said." And, the tables appeared. But, instead of food, were whips. The people wondered, "Ah! what do these mean? Where do they come from?" Tortoise stationed himself by the open window, and commanded the Drum, "As usual!" Instantly the whips flew about the room, lashing everybody, even the King, and especially Leopard. The thrashing was great, and Leopard and his people were crying with pain. Their bodies were injured, being covered with cuts.

But, Tortoise had promptly jumped out of the window. And, standing outside, he ordered, "Ngâmâ! do as you do!" And the whips and tables returned to it, and the whipping ceased. But, Tortoise knew that the angry crowd would try to seize and kill him. So, taking advantage of the confusion in the house, he and his people fled to the water of the river, and scattered, hiding among the logs and roots in the stream. As he was disappearing, Leopard shouted after him, "You and I shall not see each other! If we do, it will be you who will be killed!"

WHY THE SUN AND THE MOON LIVE IN THE SKY

ELPHINSTONE DAYRELL

Many years ago the sun and water were great friends, and both lived on the earth together. The sun very often used to visit the water, but the water never returned his visits. At last the sun asked the water why it was that he never came to see him in his house, the water replied that the sun's house was not big enough, and that if he came with his people he would drive the sun out.

He then said, "If you wish me to visit you, you must build a very large compound; but I warn you that it will have to be a tremendous place, as my people are very numerous, and take up a lot of room."

The sun promised to build a very big compound, and soon afterwards he returned home to his wife, the moon, who greeted him with a broad smile when he opened the door. The sun told the moon what he had promised the water,

and the next day commenced building a huge compound in which to entertain his friend.

When it was completed, he asked the water to come and visit him the next day.

When the water arrived, he called out to the sun, and asked him whether it would be safe for him to enter, and the sun answered, "Yes, come in, my friend."

The water then began to flow in, accompanied by the fish and all the water animals.

Very soon the water was knee-deep, so he asked the sun if it was still safe, and the sun again said, "Yes," so more water came in.

When the water was level with the top of a man's head, the water said to the sun, "Do you want more of my people to come?" and the sun and moon both answered, "Yes," not knowing any better, so the water flowed on, until the sun and moon had to perch themselves on the top of the roof.

Again the water addressed the sun, but receiving the same answer, and more of his people rushing in, the water very soon overflowed the top of the roof, and the sun and moon were forced to go up into the sky, where they have remained ever since.

CONTOS FOLCLÓRICOS AFRICANOS

| | |
|--|----|
| Contos folclóricos africanos Vol. 1 | 3 |
| O filho do médico e o rei das cobras | 5 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| O macaco, a cobra e o leão | 23 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| Os pretendentes da Princesa Gorila | 31 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| Ga'so, o professor | 38 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| Por que os bodes são animais domésticos? | 45 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| O Leopardo de pele lisa | 51 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| O tambor mágico | 67 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| Por que o Sol e a Lua vivem no céu | 83 |
| <i>Elphinstone Dayrell</i> | |

| | |
|---|-----------|
| African Folk Tales Volume 1 | 89 |
| The Physician's Son and the King of the Snakes | 91 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| The Ape, the Snake, and the Lion | 108 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| The Suitors of Princess Gorilla | 116 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| Goso, the Teacher | 122 |
| <i>George W. Bateman</i> | |
| Why Goats Became Domestic | 129 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| Leopard of the Fine Skin | 135 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| The Magic Drum | 149 |
| <i>Robert Hamill Nassau</i> | |
| Why the Sun and the Moon live in the Sky | 163 |
| <i>Elphinstone Dayrell</i> | |
| | |
| Literatura Livre | 167 |
| Ficha técnica | 174 |

LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

literatura livre

obras [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis
(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales).*

tradutores

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

produtor executivo

[executive producer]

Ricardo Giassetti

editores

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

revisores

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

diretora de arte

[art director]

Larissa Meneghini

ilustrações

[illustrations]

André Ducci

editoração digital

[digital art]

Fernando Ribeiro

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração regional no
Estado de São Paulo**

[regional administration of São Paulo state]

presidente do conselho regional

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

diretor do departamento regional

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

superintendentes

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

gerentes

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

presidente

[president]

Ricardo Giassetti

diretores

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,
Renato Roschel, Tatiana Bornato

INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

D275 Dayrell, Elphinstone (1869-917); Baterman, George W. (1850-1940); Nassau, Robert Hamill (1835-1921)

Contos folclóricos africanos vol. 1 / Elphinstone Dayrell, George W. Bateman e Robert Hamill Nassau. Tradução de Gabriel Naldi. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 181 p.

Disponível em:

<https://mojo.org.br>

<https://literaturalivre.secsp.org.br>

Título Original: The Folk Tales from Southern Nigeria (1910); Zanzibar Tales (1901); Where Animals Talk (1912). Edição bilingue Português / Inglês. Coletânea criada a partir das três obras originais.

ISBN 978-85-455108-5-7

1. Literatura Africana. 2. Conto. 3. Folclore. 4. África. 5. Nigéria.
6. Zanzibar. 7. História da África. I. Título. II. Série. III. Dayrell, Elphinstone (1869-1917). IV. Bateman, George W. (1850-1940). V. Nassau, Robert Hamill (1835-1921). VI. Naldi, Gabriel, Tradutor.
III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

CDU 821.4

CDD 896

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutemberg Project:

The Folk Tales from Southern Nigeria:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/34655>

Zanzibar Tales:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/37472>

Where Animals Talk:

<http://www.gutenberg.org/ebooks/58900>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>